



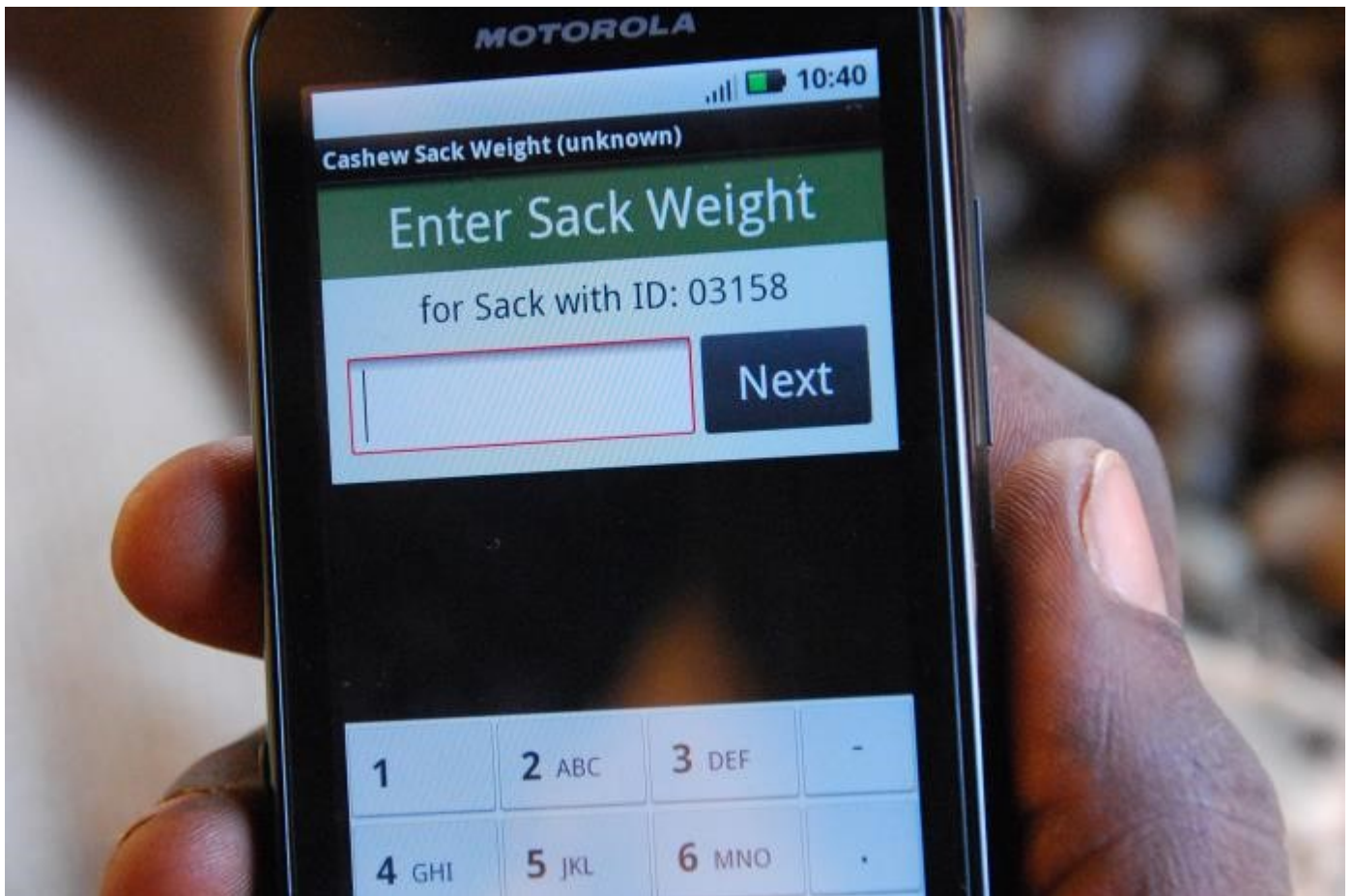
Boletim de Notícias ComCashew

15ª Edição, sob o tema

ISSN 2458-7362



“Inovações e Tecnologias no setor do caju”



Para um entendimento comum do setor do caju!

Competitive Cashew initiative
H/No. 313A, Cotonou Street
East Legon Residential Area
Accra, GHANA

p + 233 302 77 41 62
f + 233 302 77 13 63
e www.cashew@giz.de
w www.africancashewinitiative.org



Implemented by:
giz Deutsche Gesellschaft
für Internationale
Zusammenarbeit (GIZ) GmbH



Prefácio de Rita Weidinger

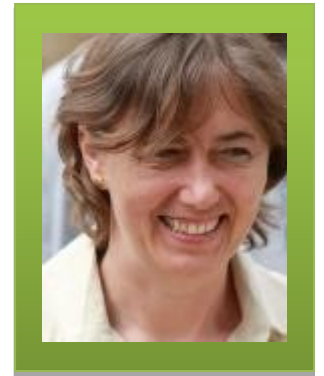
Caros leitores,

A inovação e a tecnologia são as forças motrizes do desenvolvimento sustentável de qualquer setor; tal é válido também para o setor do caju. A inovação e a tecnologia são sobretudo necessárias para tirar partido de todas as potencialidades que o setor africano do caju oferece. Que inovações estão atualmente presentes no setor, a nível global? Como evoluiu a tecnologia e quais as tendências atuais? De que forma a tecnologia pode garantir a igualdade de género ou ajudar a lidar com os impactos das alterações climáticas? Nesta edição, convidamo-lo a descobrir connosco as novas e emocionantes tendências nas áreas da inovação e tecnologia para o caju e qual o impacto que estas têm no setor. Aproveitamos esta oportunidade para o convidar a partilhar connosco quaisquer inovações e tecnologias que possam beneficiar o setor.

O continente africano, particularmente devido à sua posição como produtor de mais da metade da castanha de caju em bruto a nível mundial (58% em 2018), pode beneficiar de inovações desenvolvidas especialmente para se adequarem ao seu contexto e necessidades, de forma a aumentar a sua produção e essencialmente revolucionar a sua indústria de transformação. Tal exige uma maior colaboração entre os cientistas africanos, para desenvolver tecnologias de ponta e variedades melhoradas. Dito isto, damos os parabéns ao Gana pelo trabalho realizado até ao momento na área de desenvolvimento de variedades melhoradas e por apoiar os países vizinhos com 7.100 kg de sementes policlonais bem como com formação (por exemplo, através da sessão de enxertia do Master Training Programme – MTP). A decisão de fabricar localmente equipamentos de transformação, em África e particularmente na Costa do Marfim, também é digna de nota. Apelo assim a todos que apoiem esta iniciativa, para que seja concretizada com sucesso, pois tal irá trazer enormes benefícios para o continente.

Há muito mais a ser alcançado através da inovação e tecnologia, se trabalharmos em conjunto, especialmente no que diz respeito à implementação

de políticas regionais, ao estabelecimento de organismos de interação continental como o Conselho Consultivo Internacional do Caju



(CICC) e ao desenvolvimento e fortalecimento de redes de intercâmbio e partilha de experiências. A recente inclusão dos Camarões no CICC, a 10 de julho de 2019, elevando o número de países membros para dez, demonstra a vontade dos países produtores de juntar esforços com vista a um objetivo comum; um setor africano do caju competitivo. Temos o prazer de o informar que foram abertas candidaturas ao cargo de Secretário Executivo do CICC (ver páginas 27 e 28).

A inclusão ou consideração de questões transversais, como o género ou as alterações climáticas, também dá uma nova dimensão ao mercado e às dinâmicas de emprego no setor. Sem dúvida que os meios digitais se tornaram parte do nosso dia-a-dia e no cultivo do caju tal não é exceção. Nesta edição são também analisadas as inovações nas áreas de rastreabilidade, digitalização e recolha de dados e os respetivos impactos a diferentes níveis, desde as autoridades de tomada de decisões a montante até ao agricultor, na base.

Como parte das atividades de implementação da ComCashew, as segundas sessões das 7ª, 8ª e 9ª edições do MTP foram realizadas em julho e agosto, respetivamente. Recordamos que neste ano de 2019 se realizam três edições do MTP (7ª, 8ª e 9ª), que contam com um total de 276 participantes, incluindo 114 mulheres (41% de participação feminina).

A 2ª edição do Fórum do Caju Saheliano (FOCAS), organizada pela Aliança Africana do Caju (ACA), realizada em Bamako (Mali), de 5 a 7 de agosto, foi também um sucesso. Cerca de 250 participantes de 9 países produtores do caju (Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Mali, Senegal e Serra Leoa) reuniram-se para partilhar as suas experiências e discutir os desafios



que enfrentam, de forma a encontrar soluções informadas e construtivas para melhorar a competitividade da cadeia de valor. Designou-se a Guiné-Bissau como o país de acolhimento da próxima edição do FOCAS, em 2020.

Agradecemos, em especial, a todos os que contribuíram para esta edição, incluindo: Oltremare, GI Technologies, Meyer Optoelectronic Technology, Mekong Technology Investment and Development, Amara Idara Shderiff, Jim Fitzpatrick, Dr. Vianney Windpouiré Tarpaga, Dr. Ouali N'Goran San-Whouly Mauricette, Ella Dorcas Wama Mara, Salma Seetaroo, Teodora Carlos, Shakti Pal, Caroline Moraza e Ernestina Amponsah.

Desejamos-lhe uma leitura agradável e proveitosa deste boletim e agradecemos a sua atenção.

Rita Weidinger

Diretora Executiva da GIZ/ComCashew

Em cooperação com:



SAVE the date: **6th November in Dar-es-Salaam**

8-3pm— ComCashew Board meeting maria.schmidt@giz.de

9-4pm— ACA Board meeting

8-3pm— Meeting of Master Trainers Editions 1 to 9, by Atta Agyepong; al-da.benon@giz.de

4-10pm—Celebrating 10 years ComCashew/A4SD, maria.schmidt@giz.de





Transformar o setor do caju através da inovação: como as soluções digitais contribuem para uma cadeia de valor competitiva



Árvore de Caju com Fruto

Fonte : GIZ/ComCashew

O caju, que foi originalmente introduzido para combater a desertificação em África, provou ao longo dos últimos 10 anos que traz grandes benefícios económicos para o continente. A quota do caju africano já supera metade da produção global e esta tendência continua a crescer, ao mesmo tempo que a produção no sudeste asiático e no Brasil continuam a diminuir. No entanto, este aumento ainda está longe de responder à procura por castanha de caju no mercado mundial, que cresce cerca de 6-7% ao ano. Atualmente, a maioria dos países africanos enfrenta o desafio de tornar o setor sustentável.

No entanto, para tornar o setor do caju e a agricultura em geral adequados ao futuro, vários governos africanos comprometeram-se com a transformação da agricultura através de soluções digitais e inovações técnicas, considerando-a uma importante prioridade política com vista a enfrentar os desafios da insegurança alimentar e nutricional, alterações climáticas, desemprego dos jovens e para o crescimento económico em geral.

A digitalização da agricultura pode ser uma mudança revolucionária, ao apoiar e acelerar a transformação agrícola em todo o continente. As soluções digitais na agricultura envolvem serviços de consultoria, ligações comerciais, acesso ao financiamento, gestão da cadeia de abastecimento e macro informação agrícola.

De acordo com Leonard Mizzi, Chefe de Unidade na DG de Cooperação e Desenvolvimento Internacional

da Comissão Europeia: “as tecnologias podem ajudar a estimular a inovação de sistemas agroalimentares sustentáveis e a produzir alimentos melhores e mais seguros, preservando os recursos naturais e a biodiversidade. Mas precisamos de estar conscientes e apoiar soluções que sejam sustentáveis e adaptadas às necessidades dos países e incorporadas em sistemas de inovação mais amplos e favoráveis.”



Gestão de Fontes de Abastecimento Rurais do SAP

Fonte : GIZ/ComCashew

As inovações digitais ajudam a rastrear os produtos em toda a cadeia de valor

Em relação ao setor do caju, até agora as inovações técnicas e digitais contribuíram para mudar a forma como o caju é rastreado, analisado e comunicado. As novas tecnologias contribuíram para digitalizar o conhecimento sobre e dentro do setor, disponibilizar informações e garantir o abastecimento transparente. Uma cadeia de valor competitiva é caracterizada por cadeias de abastecimento justas, e por isso garantir a rastreabilidade da castanha de caju é um dos fatores que manterão o setor viável a nível global. Neste âmbito, foram experimentadas e desenvolvidas tecnologias inovadoras que oferecem um grande potencial para ajudar os agronegócios a atrair

^{1em} „The Digitalisation of African Agriculture Report 2018-19”, CTA



agricultores, documentar a conformidade das plantações com os padrões definidos e rastrear os produtos ao longo da cadeia de valor.

Por exemplo, em 2010, a SAP criou uma parceria com a GIZ/ComCashew, conhecida na época como ACI, para desenvolver uma aplicação móvel inovadora, para a inclusão digital de pequenos agricultores.

Através do projeto inicial, foi implementado no Gana e no Burkina Faso, um protótipo de Gestão de Fontes de Abastecimento Rurais. O protótipo permitiu melhorar os rendimentos e os meios de subsistência dos agricultores, melhorar a qualidade e a produção da castanha de caju africana, aumentar a capacidade de transformação e ao mesmo tempo fortalecer as ligações ao mercado ao longo da cadeia de valor. A Gestão de Fontes de Abastecimento Rurais do SAP é uma solução criada para apoiar o estabelecimento de relações entre os pequenos agricultores em países em desenvolvimento e os produtores globais; proporcionando transparência, responsabilização e acesso a serviços financeiros. Esta ferramenta de gestão de fontes de abastecimento rural continuou a ser desenvolvida e atualmente é utilizada no Uganda, oferecendo novas perspectivas no setor das culturas arbóreas.

Dez anos depois, a ComCashew continua a preocupar-se com o abastecimento sustentável e deseja contribuir para o desenvolvimento de abordagens inovadoras. Entre elas, destaca-se uma colaboração contínua com a Iniciativa dos Frutos de Casta Rija Sustentáveis (SNI). Em relação à cadeia de valor do caju, a SNI concentra-se em melhorar a transparência para alcançar a segurança do abastecimento e uma maior qualidade, assim como em trabalhar rumo à sustentabilidade. Isto resultou na criação do software

Securing Sustainable Supply (3S). Este sistema permite que as empresas compradoras tomem decisões informadas sobre a sua base de fornecedores e facilita a troca de informação entre os elos da cadeia de abastecimento.

Comunicar e conservar: como gerir o aumento da quantidade e qualidade de dados sobre o caju

Um benefício importante do uso de soluções digitais no setor é a melhoria do acesso à informação de mercado. Por esta razão, a ComCashew tem uma sólida parceria com a Aliança Africana do Caju (ACA), que é desde 2006 a associação sob a qual se reúnem agricultores, transformadores, comerciantes e associações do caju em África e em todo o mundo.

A associação desenvolveu o Sistema de Informação de Mercado da ACA, que foi introduzido para fornecer informações sobre as tendências do mercado nos países produtores de caju. São partilhadas, por meio de um base de dados on-line e análise semanal de mercado, atualizações sazonais sobre a produção, os preços da castanha de caju e da amêndoa.

Nos dias de hoje, existem soluções digitais inovadoras mais amplas que vão além de apenas facilitar a informação e a comunicação no mercado – há uma transformação da simples utilização de soluções digitais para comunicar ou disseminar informações, para uma verdadeira digitalização.

Soluções digitais deste tipo, entre outras coisas, permitem digitalizar e conservar o conhecimento técnico e institucional existente. O projeto da UE GIZ/ComCashew, denominado Resiliência contra as Alterações Climáticas nas zonas ecológicas de savana



GPS—Geographic Positioning Systems

Fonte: GIZ/ComCashew



Processamento do Caju

Fonte : GIZ/ComCashew



no Gana, está a realizar um trabalho pioneiro nesta área. O projeto pretende criar uma Biblioteca Digital que disponibilize uma base de dados para a gestão dos dados do projeto, investigação e dados agrícolas, que é mantida pelos parceiros locais, com vista a apoiar o planeamento e a coordenação. Este instrumento técnico servirá como repositório para guardar documentos físicos e digitais e torná-los acessíveis ao público. Segundo o consultor técnico Karl Tiller, isto "representa uma oportunidade única de preservar o conhecimento existente".

Perspetivas para o futuro

Como demonstrado, as inovações digitais podem ser um fator revolucionário para o setor do caju, e os exemplos apresentados mostram como estas soluções foram e estão a ser usadas pela ComCashew e os seus parceiros. No setor do caju, a quantidade e a qualidade de dados estão em crescimento e as novas ferramentas digitais permitem recolher dados de plantações individuais para disponibilizar a comerciantes internacionais, combinar dados em larga escala e usá-los para melhorar a totalidade da cadeia de valor. As experiências acima são apenas alguns exemplos de como podem ser usadas soluções digitais. Muitas outras ainda continuam inexploradas no setor do caju, como as oportunidades nos sistemas de gestão de dados, mapeamento por GPS e rastreamento geográfico, uso de drones (para monitorização agrícola, gestão de pragas e doenças etc.) ou serviços financeiros digitais, como sistemas de pagamento móveis, serviços digitais de consultoria e informação (por exemplo, GAP ou práticas de colheita e pós-colheita).

Autores: Maria Schmidt, Assessora, Organização do Setor e Julius Abila Abagi, Técnico de Comunicação (GIZ/ComCashew)

Pontos de Vista



Nome: Dr Vianney Windpouiré TARPAGA
Cargo: Engenheira Agrónoma, Investigadora de Variedades Melhoradas Coordenadora do Centro Nacional para a Especialização de Frutas e Vegetais (CNS-FL)

Organização: Instituto de Pesquisa Agropecuária e Ambiental (INERA)

Em 2018, foram produzidas, em todo o mundo, 3,5 milhões de toneladas de castanha de caju em bruto, das quais 58% em África. Pode-nos falar de algumas das principais inovações que podem melhorar e apoiar a produção da castanha de caju em quantidade e qualidade (irrigação, mecanização, enxertia, material vegetal melhorado etc.)

De fato, podemos constatar um aumento na contribuição de África para a produção global do caju, ano após ano, o que está relacionado com vários fatores. Para os países envolvidos na produção e no uso de material de plantio melhorado, o efeito positivo desse material no rendimento e na produção geral é muito significativo. Por outro lado, para os países que começaram recentemente, podemos relacionar uma taxa de produção mais alta com as boas práticas de manutenção e colheita dessas plantações.

Na sua opinião, que impacto têm as inovações acima mencionadas no rendimento dos produtores?

Estas inovações têm um efeito direto na melhoria dos rendimentos dos produtores, pois contribuem para o aumento da produção da castanha de caju em bruto .

Através de desenvolvimentos recentes, existem novas tecnologias na produção do caju – incluindo



colheita, pós-colheita e armazenamento – em África? Ou há algumas que existam na Ásia e possam ser adaptadas para a produção do caju em África?

Não tenho muitos conhecimentos sobre os desenvolvimentos para a colheita, pós-colheita e armazenagem do caju em África. No entanto, acho que o interesse atual no continente ainda está mais focado na transformação embrionária, que precisa urgentemente de pequenas ou médias cadeias completas para ser impulsionada. Também são necessárias tecnologias para agregar valor aos subprodutos do caju, incluindo o líquido da casca de castanha de caju (CNSL), película, etc.

A rastreabilidade continua a ser um elemento essencial para a competitividade a nível global. As associações de agricultores dos países produtores de caju estão a tentar cumprir esta regra. Como avalia isto? Tem alguma sugestão para melhorar a situação?

Um dos principais requisitos para um mundo globalizado é a rastreabilidade inequívoca em todos os setores, incluindo na agricultura. Assim, deve ser incentivada qualquer iniciativa dos produtores para construir cadeias rastreáveis, pois tal aumentará o comércio e fortalecerá as parcerias no setor .

Muitos dos produtores africanos querem assegurar as suas plantações e colheitas. Na sua opinião, um sistema de seguros adequado resolveria este problema? Em caso afirmativo, que elementos-chave deve conter este tipo de inovação? Caso contrário, propõe soluções alternativas?

Um sistema de seguros garantirá a proteção das plantações e colheitas. No entanto, tal deverá ter em conta os riscos envolvidos na agricultura, especialmente as alterações climáticas. Neste âmbito, é possível criar um fundo, financiado pelo próprio setor do caju, que servirá como garantia para o acesso ao crédito concedido pelas instituições financeiras. Este tipo de mecanismo pode ser projetado para dar mais garantias ao produtor, que, em África, é geralmente deixado à sua sorte.

Os drones são usados na saúde, educação, etc. Existe uma possível aplicação na produção do caju em África?

Hoje, o uso de drones já não tem limites, portanto o

setor do caju também pode beneficiar com eles. Podem ajudar, por um lado, a mapear e monitorizar a dinâmica das plantações, monitorizar a produção por meio de vigilância fitossanitária, ajudar a gerir a irrigação e, por outro lado, detetar e controlar precocemente incêndios florestais fatais para as plantações de caju.

A Terra está a enfrentar alterações climáticas. Este fato desencadeia alguma inovação na produção de caju?

De momento, acho que não, mas tal acontecerá muito rapidamente. De fato, perante as alterações climáticas, a inovação que deve ser considerada na produção do caju é o uso de tecnologias de irrigação localizadas em certas áreas, para combater os déficits de chuva que afetam os rendimentos. A médio e longo prazos, está previsto o aperfeiçoamento genético do material de plantio. De fato, atualmente a seleção de variedades já tem em consideração as previsões climáticas relacionadas com vários fatores, como doenças e pragas, tendências de temperatura ou variações nas chuvas, etc. Assim, as variedades selecionadas têm uma maior tolerância a estas restrições, de forma a manter sempre um nível aceitável de produção.

As tecnologias de informação estão presentes em muitas áreas, incluindo a agricultura. A extensão eletrónica, por exemplo, feita através dos telemóveis dos produtores, será útil em África?

A extensão eletrónica será benéfica nos setores agrícolas africanos, pela simples razão de que o número de agentes técnicos de supervisão é muito pequeno e está mesmo “em vias de extinção” em alguns países. A extensão eletrónica é uma inovação bastante moderna, dado o desejo que os produtores africanos manifestam nos dias de hoje de profissionalizar a agricultura. Como tal, exigem mais informações técnicas e apoio às suas atividades agrícolas. Também terá a vantagem de ser mais barata e, portanto, mais acessível.

Nesta era digital, que forma poderia assumir a digitalização da produção do caju ?



A digitalização da produção do caju nesta era, na minha opinião, é a capacidade de obter, com maior precisão, as quantidades de produção de castanha de caju em bruto esperadas, de acordo com as áreas cobertas, as variedades plantadas e as previsões climáticas. Também pode envolver o poder de determinar os principais fatores climáticos que afetarão a produção no início de cada estação e, portanto, antecipar as intervenções necessárias.

Já existe um sistema regional para digitalizar a produção do caju, incluindo um sistema de recolha e armazenamento de dados ?

Sim, o sistema existe, mesmo que atualmente esteja focado só numa área específica. Refiro-me à base de dados digital para a monitorização fitossanitária das plantações de caju na Costa do Marfim. Esta ferramenta foi encomendada pelo Conselho do Algodão e do Caju (CCA), com vista a fortalecer a capacidade dos atores da cadeia de valor do caju. Graças a esta base de dados, é possível obter informações regulares sobre as pragas do caju numa determinada área e acionar alertas imediatos, se necessário.

Na sua opinião, que tipo de interação entre os países produtores africanos garantirá a sua competitividade e beneficiará todo o setor em África?

Como diz o ditado, "a união faz a força". No setor do caju, acho que os países africanos produtores o demonstraram ao assumir a liderança na criação do Conselho Consultivo Internacional do Caju (CICC) em 2016, para melhor defender os seus interesses. É um grande passo. Além disso, a combinação de recursos financeiros e humanos para realizar investigação sobre as principais restrições do setor e cooperar em outras áreas são também formas de obter uma maior competitividade.

Tem algumas declarações finais para os nossos leitores?

Gostaria de lhe dar os parabéns por abordar o tópico Inovações e Tecnologias no Setor do Caju. Gostaria também de agradecer à GIZ/ComCashew, que trabalha há mais de uma década para melhorar o setor do caju em África e a sua contribuição para a economia. Nos últimos anos, a GIZ/ComCashew comprometeu-se em lutar pela competitividade deste setor. Alcançar este objetivo requer enormes recursos humanos, mas acima de tudo recursos financeiros; e eu gostaria de elogiar todos os esforços já feitos através de programas como o Fundo de Cofinanciamento do Caju e o Master Training Programme (MTP), que nos permitiram alcançar resultados significativos no terreno.

Entrevistado por Nunana Addo, Técnica de Comunicação e Assistente de Direção, GIZ/ComCashew



A contribuição das mulheres para a produção de caju é valiosa.

Fonte : GIZ/ComCashew



Inovações e tecnologias na produção do caju



Recolha de Enxertos

Fonte: GIZ/ComCashew

Cashew production over time has experienced several changes. Over the years, cashew production has experienced several changes, including irrigation, mechanization, top grafting, and improved planting material, to increase and sustain quantity and quality. These efforts have produced convincing results in agroecological systems, associated cultivation systems, and agropecuária, with the association of apiculture to cashew production. The use of weeding machines reduced the use of herbicides and the risk of residue accumulation of pesticides on the fruits, meeting the requirements for sustainable development. Without doubt, the effectiveness of these innovations was proven. The formation and sensitization of producers on Good Agricultural Practices (GAPs) and the adoption of these innovations, will allow for better maintenance of their plantations and dominance of harvesting and post-harvest management techniques, from the fruits to commercialization.

The innovations mentioned above, if dominated and used appropriately, will increase the yield of producers. Currently, they already enable the production of a significant volume of cashew nuts of quality. For example, grafted trees begin to produce within one to two years, while trees that grow from seeds take up to five years to mature. The improved planting material and top grafting provided to producers high-yielding and resistant

to diseases and insect pests. Producers invest less in the purchase of phytosanitary equipment. These improvements have a double benefit: economic and environmental.

In addition, the recent use of drones in agriculture, in various developed countries and even in Africa, is worth highlighting. Drones play a decisive role in agricultural production, thanks to their ultra-precise analysis capabilities, in real time and in three dimensions. They can measure the overall health of plants, develop planting schemes, and provide crucial data for decision-making. The problem of these tools, in African countries, continues to be their high cost, especially for small producers, who are generally small farmers.

«The fulfillment of the requirements for traceability is a commendable effort by producers in Africa. To strengthen this traceability, farmers should organize themselves better, in order to benefit from formation to dominate GAPs, from the creation of plantations to harvest and commercialization.»

Ainda é possível uma variada gama de inovações ... eis uma amostra de algumas ideias

Ensuring plantations and harvests is a desire of cashew producers. A system of adequate insurances would be a great help. This type of insurance should take into account issues of land ownership, risks in agriculture, such as natural disasters (floods, droughts ...), formation and capacity building of farmers to manage these agricultural risks, conformity with GAPs, etc...

Today, the agricultural calendar is very disrupted due to climate changes. Innovations in this area would be to make forecasts to limit the negative impacts on the ecology of cashew trees and the associated fauna, such as pollinators that depend on cashew to increase productivity and the quality of the raw cashew nut.

Why not digitalize cashew? A strategy for digitalization of the sector would be to equip farmers with tools that would allow easy access to new information and communication technologies, for example the use of mobile phones. These mobile phones can be equipped with SIM cards associated with



um sistema móvel de pagamentos digitais, o que permitirá fazer transações financeiras entre produtores e transformadores. Também há outra utilidade, através da extensão eletrônica (e-extensão), condicionada por uma boa formação dos produtores no uso destes dispositivos: os telemóveis e tablets podem ajudar os agricultores a recolher dados e comunicar as dificuldades que têm nas suas plantações, em tempo real, a agentes especializados. Por sua vez, estes também podem enviar os seus comentários, em tempo real, quando possível remotamente, ou diligentemente agendar uma visita, já estando ao corrente das informações básicas necessárias. Além disso, os telemóveis ou tecnologias de informação, podem permitir que os agricultores



Mudas enxertadas

Fonte : GIZ/ComCashew

negociem diretamente o preço da sua castanha com potenciais compradores, sem um intermediário. O agricultor também pode tomar conhecimento das flutuações no preço da castanha nos mercados nacional e internacional. Graças a uma visão à escala continental, a implementação e exploração de inovações é otimizada num clima interativo favorável. O tipo de interação entre países produtores africanos, que poderia garantir a competitividade, seria uma interação baseada na solidariedade e boa coordenação de atividades em toda a cadeia de valor do caju, da produção à comercialização. Por exemplo, a gestão de pragas é transfronteiriça... A este respeito, uma sugestão relevante é por exemplo o desenvolvimento e especialização das atividades do país segundo um calendário concomitante. Tal permitirá a produção controlada e segura da castanha de caju. Os países africanos terão maior impacto nos preços e na padronização do caju, para evitar a fuga de um país para outro. Um outro desafio é poder transformar quase toda a produção local, garantindo

um mercado de exportação sólido e simultaneamente aumentar o consumo local.



Máquina de descascamento

Fonte : GIZ/ComCashew

Breve panorâmica da evolução tecnológica na transformação

Sendo a transformação um valor agregado, há desenvolvimentos tecnológicos salutares no continente africano, mas a modernização e o desempenho dos equipamentos, se comparados com países como a Índia e o Brasil, necessitam de ser melhorados. Em África, as novas tecnologias atualmente disponíveis no mercado estão relacionadas com o corte, descasque da castanha e remoção da película. Existe também uma vasta gama de opções para o embalamento e transporte dos produtos. Estes equipamentos são especificamente:

- Máquinas de corte manual. A casca da castanha de caju é cortada sem tocar na amêndoa, para mantê-la intacta. Nas fábricas africanas, é registada uma taxa ininterrupta de sucesso no corte de 90% a 97%. Fornecedores atuais em África: Muskaan, Gayathri.
- Máquina de descasque automático da Buddhi. A capacidade suportável por estas máquinas é de 20 a 150 quilos por hora. As máquinas são usadas de acordo com as funcionalidades implementadas na Índia e no Vietname. Frequentemente estas máquinas são usadas para tratar a castanha pequena, a fim de reduzir a quebra. Fornecedores atuais em África: Buddhi.
- Descascadora de película automática da Oltremare. Estas máquinas têm uma capacidade de até 250 quilos por hora, contudo não conseguem remover toda a película de uma só vez. Assim, normalmente a castanha tem de passar pela máquina 2 ou 3 vezes. A



taxa de quebra varia de fábrica para fábrica, dependendo do tipo de castanha e da regulação da máquina. Fornecedores atuais em África: Oltremare, Cao Thanh Phat.

- Máquinas de embalagem em vácuo. Esta máquina é normalmente alimentada manualmente através de um funil, e de seguida areja e limpa a amêndoa, pesa-a e divide-a em lotes segundo o tamanho. Quando um lote fica completo, é carregado manualmente, antes de ser colocado na máquina de embalagem em vácuo, onde é selado. Os lotes são armazenados até à data de exportação, altura em que são colocados em caixotes de cartão, rotulados e fechados. Fornecedores atuais em África: Oltremare, Multivac, Muskaan

A tecnologia na Índia e no Vietname prefere que a transformação seja feita através de "corte a vapor" em vez de se assar em barril ou descascar por banho de óleo e assar.

O sistema da Oltremare para tratamento e embalagem pós-colheita permite a limpeza a vácuo da castanha em bruto, removendo corpos estranhos, leves e pesados. Também permite que a castanha seja seca dentro do armazém, controlando infestações e evitando a perda de qualidade durante o transporte e armazenamento. Este sistema também promove uma completa monitorização da rastreabilidade, prevenção de roubos, mistura de castanhas, etc. O embalagem protege totalmente contra a humidade, ar, poeira, insetos, condensação e facilita ainda o carregamento durante o transporte.

As inovações e tecnologias no setor do caju, tal como nos outros setores agrícolas, são inevitáveis. Devemos por isso incentivá-las, apoiá-las e canalizá-las. É uma necessidade – imposta pela competitividade dos mercados internacionais – e não uma opção, que os países africanos adquiram formação sobre como utilizar estas inovações e se apropriem delas.

Autora : Dr OUALI N'GORAN San-Whouly Mauricette,



A Dra. OUALI é professora-investigadora, leitora na Universidade Félix HOUPOUËT-BOIGNY (Costa do Marfim), entomologista, especialista em proteção e defesa de culturas/gestão integrada de doenças e pragas nas culturas

Validação participativa do estudo ambiental da ACA sobre gestão de resíduos na transformação do caju

A ACA contratou a Away4Africa, uma empresa com sede na Holanda, que colaborou com a Fúnteni Installations et Conseil, sediada no Burquina Faso, para conduzir o “Estudo Ambiental sobre Gestão de Resíduos na Transformação do Caju”. O estudo apresenta as características atuais e potenciais dos subprodutos da castanha de caju em 8 países africanos (Benim, Burquina Faso, Costa do Marfim, Gana, Guiné-Bissau, Quênia, Moçambique e Tanzânia). Avalia ainda os efeitos negativos da transformação no meio ambiente, as práticas atuais de gestão de resíduos e as abordagens comerciais dos transformadores de castanha de caju em alguns países da África Ocidental e Oriental, bem como o potencial económico, energético e ambiental inexplorado e, finalmente, faz uma análise dos atores relevantes que lidam com subprodutos do caju.



Casca da castanha de caju

Fonte : ComCashew/GIZ



Existe um potencial inexplorado dos subprodutos do caju, uma vez que a produção total de castanha de caju em bruto fica perto de 1,4 milhões de toneladas, e apenas cerca de 10% é transformada nestes países. O estudo concluiu que a transformação do caju em África ainda se caracteriza por uma baixa competitividade. As principais preocupações dos transformadores estão ligadas ao abastecimento da castanha de caju em bruto, nomeadamente: estabilidade de preços, normas e restrições na exportação de castanha de caju, a qualidade e o financiamento. De forma geral, nos 8 países examinados, a prioridade dada aos subprodutos não é muito alta. Embora as cascas representem 70% da biomassa da castanha de caju em bruto, a maioria das fábricas deita fora os resíduos, o que significa que não é comum a agregação de valor através das cascas. Contudo, as fábricas de transformação que de fato aproveitam a casca, utilizam-na para gerar energia térmica, principalmente como combustível para as caldeiras. Mas apenas entre 5-25% da casca é utilizada desta forma, deixando ainda por utilizar uma enorme quantidade, que resulta do descasque da castanha de caju em bruto. De fato, geralmente a estratégia mais eficaz para agregar valor através dos subprodutos é a extração do líquido da casca da castanha de caju (CNSL) e a cogeração de energia com as cascas já sem óleo. A conclusão geral do estudo é que existe um potencial inexplorado no desenvolvimento dos subprodutos do caju, especialmente das cascas do caju, para a indústria de transformação e para energia térmica; que se aproveitado, poderia contribuir para a produtividade energética e compensar as emissões de carbono.

Recentemente, como parte da implementação do estudo, foram realizados, em 3 dos 8 países africanos estudados (Costa do Marfim, Burkina Faso e Tanzânia), workshops nacionais para comunicação e validação dos resultados e das recomendações. Uma parte destes workshops consistiu também numa formação baseada nos resultados do estudo ambiental sobre subprodutos da castanha de caju. O objetivo do programa de formação era tratar as questões ambientais no setor da transformação do caju. Os supervisores e gestores de fábrica presentes foram dotados de competências para fazer uma melhor gestão dos subprodutos de caju desperdiçados.

A edição do workshop na Costa do Marfim foi realizada em Bouaké, a 26 de junho, sendo um dos destaques

desta edição a presença do CCA, o que demonstra o seu reconhecimento da importância do estudo, levando-o a querer integrar as recomendações no Projeto Nacional de Competitividade da Cadeia de Valor do Caju (2018-2023). Depois da Costa do Marfim, a formação partiu para o Burkina Faso, sendo realizada em Bobo Dioulasso a 2 de julho. A participação no Burkina Faso foi muito alta e bem distribuída entre atores públicos e privados. Especificamente, nesta edição, foi minuciosamente discutido o potencial de uso, no contexto do setor da transformação do país, de um Reator Piro-lítico de Caju de Alta Temperatura (H2CP), para produzir não apenas energia térmica, mas também bio carvão (que pode ser usado como carvão normal). Finalmente, na última edição, realizada em Mtwara, na Tanzânia, a 17 de julho, foram discutidas as melhores maneiras de divulgar as conclusões ao governo, o potencial de aceder a financiamento para investimento na transformação de subprodutos e também outros usos dos subprodutos do caju, por exemplo, nas áreas dos fertilizantes, curtimento de peles, produção de sabão e ração animal.

O estudo ambiental completo sobre os subprodutos do caju está disponível no site da ACA : http://www.africancashewalliance.com/sites/default/files/documents/2019_summary_aca_study_on_cashew_by_product.pdf.

A fronteira do processamento da castanha de caju

Até 1960, todas as etapas da transformação do caju eram feitas manualmente. Devido ao alto custo da mão-de-obra, fazer a transformação em Itália era praticamente impossível. Países como a Índia eram mais competitivos, pois ofereciam custos de mão-de-obra mais baixos, mas com piores condições de trabalho. Para resolver este problema, a Oltremare projetou e fabricou o primeiro sistema mecânico da transformação do caju em 1960. A Oltremare pôde iniciar a transformação em Bolonha, Itália e, ao mesmo tempo, introduziu o que foi considerada uma



Descascamento do caju

Fonte : GIZ/ComCashew

abordagem inovadora e singular para a transformação do caju.

Desde então, foram desenvolvidas soluções mecânicas para limpeza e calibração de matérias-primas, para a torrefação, arrefecimento, descascamento e triagem, bem como soluções semiautomáticas para descasque (máquinas com alimentação manual e corte mecânico).

Do manual, passando pela transformação mecânica, até à digitalização

No início, a Oltremare procurou soluções mecânicas para as duas principais etapas da transformação: o descasque e a remoção da película. A pressão para encontrar soluções automatizadas para estas etapas da transformação levou à preparação mecânica das



Amêndoa de caju e tabuleiro de madeira

Fonte : GIZ/ComCashew

castanhas para descascar (calibração, torrefação) e das amêndoas para lhes ser retirada a película (secagem, re-humidificação). No entanto, nos últimos 10 a 20 anos, as principais mudanças deram-se na área da classificação eletrónica da amêndoa. As máquinas podem, assim, substituir a mão-de-obra no processo final de classificação.

As implicações da classificação eletrónica são significativas. Em primeiro lugar, há um menor manuseamento das amêndoas, garantindo níveis mais altos de segurança alimentar. Em segundo lugar, a classificação é mais precisa, reduzindo o risco de reclamações e permitindo expandir as categorias de venda.

A preparação automatizada para o descasque e remoção da película, bem como os sistemas de classificação eletrónica, tornaram possível uma transformação mais eficiente. No entanto, as inovações com maior impacto até ao momento deram-se nos próprios processos de descasque e remoção da película. Estas duas tarefas eram consideradas o entrave do processo devido à baixa produtividade da mão-de-obra e aos desafios associados de gerir um grande número de funcionários. A redução de custos nestas duas áreas tem sido impressionante

A recém-adquirida flexibilidade do processo permitiu um aumento progressivo das unidades de transformação, reduzindo assim o impacto dos custos fixos. Embora o descasque e remoção da película mecanizados já sejam possíveis desde a década de 1960, a indústria está em atraso devido a constrangimentos psicológicos. Apenas quando se tornou insuportável a pressão do custo da transformação manual, é que o setor adotou estas soluções automatizadas.

Tal foi o caso, especialmente na Índia e no Vietname, onde foram adotadas a maior parte das inovações, que diminuíram o custo direto da transformação e aumentaram a escala das unidades de transformação. Através da mecanização, a capacidade das unidades de transformação na Índia e no Vietname poderia ser o dobro ou o triplo. Embora as quantidades tenham aumentado, é digno de nota



que a qualidade geral do produto final diminuiu bastante. É comum ser prestada pouca atenção à qualidade do produto acabado; não apenas em relação à conformidade ou não com as especificações, mas como regra geral. Ao que parece, a introdução generalizada de tecnologia, nos últimos anos, concentrou-se principalmente na redução de custos e aumento da capacidade, negligenciando as condições gerais do produto final. Neste momento, apenas alguns transformadores oferecem produtos de qualidade. São os que mais investem em tecnologia e processos. Como impulsionadores da inovação na indústria do caju, sentimos que temos o dever de propor soluções que combinem a eficiência com a qualidade do produto acabado, o que introduz um segundo aspeto...

Digitalização - O próximo passo

Um exemplo de digitalização é a nossa instalação pronta-a-usar na Costa do Marfim, que estará completa no final de 2020. Esta infraestrutura será equipada com sistemas de recolha de dados de todo o processo, o que dará ao gestor de produção e a toda a equipa de gestão, acesso em tempo real aos índices básicos de transformação. Isto inclui, por exemplo, a produção por hora ou dia, a percentagem de amêndoa inteira, a posição dos *stocks* nas várias categorias e outros indicadores.

Mecanização para a sustentabilidade

Subsequentemente, a indústria de fabricação de equipamentos e o contexto em que a indústria do caju opera mudaram drasticamente. Tal como os outros



Equipamento de transformação do caju

Fonte : GIZ/ComCashew

setores agroindustriais, este setor procura soluções para reduzir os custos de transformação e aumentar a qualidade do produto. Por outras palavras, a “sustentabilidade” tornou-se agora um fator importante.

O impacto económico da tecnologia ecológica é substancial em termos de investimento. Já se encontram disponíveis tecnologias com emissões 0, mas têm um custo. Desta forma, os transformadores encontram-se num dilema: ou investem em tecnologias mais amigas do ambiente ou aderem ao status quo. Na maioria das vezes, escolhem a última opção. As fábricas podem, por exemplo, reutilizar o bolo da casca para produzir energia elétrica e térmica para as suas operações. Usando esta tecnologia, as fábricas de média e grande dimensão podem tornar-se autossuficientes e, se equipadas com a tecnologia adequada, amigas do ambiente. Outra iniciativa sustentável poderia ser a utilização do pedúnculo do caju. Para a sua transformação, é necessária uma cadeia de conservação no frio, para que seja preservado desde a colheita em áreas remotas até à unidade de transformação. As áreas e o modo de cultivo geralmente carecem de infraestrutura adequada e representam um desafio para o estabelecimento de uma cadeia de conservação no frio adequada.

Implicações da mecanização no mercado de trabalho

As tecnologias já estão disponíveis; é apenas uma questão de encontrar a aplicabilidade correta para o setor. O descascamento, triagem e classificação progressivos serão automatizados. Estas são também as etapas da transformação que empregam predominantemente mulheres. A investigação e o desenvolvimento concentram-se nestas áreas, pois são as que incorrem em mais custos. Embora estes empregos possam ser perdidos a curto prazo, o desafio é tornar a indústria sustentável no futuro. Tal acontecerá ganhando-se eficiência em todo o processo, especialmente nestas áreas, o que pode permitir, especialmente em África, aumentar drasticamente o número de unidades e a



percentagem de RCN transformada localmente, criando assim oportunidades de emprego.

Olhando para o futuro, a indústria precisa de mão-de-obra qualificada. Tanto os jovens como as mulheres podem participar no setor em posições que lhes garantam melhores salários e perspectivas de carreira. Algumas áreas que hoje em dia são negligenciadas, desempenharão um papel vital na transformação no futuro: garantia e controle de qualidade, controle de processos, TICs ao serviço da transformação, gestão da manutenção e muitas outras. É nestas áreas que muitos jovens, de ambos os sexos, podem encontrar oportunidades de emprego.

É também necessário pessoal qualificado para a fabricação de máquinas. Atualmente, os países africanos não têm um ambiente adequado para um grande desenvolvimento em fabricação de máquinas, especialmente tendo em conta que no futuro a eletrónica irá cada vez mais auxiliar ou mesmo superar a mecânica. Assim, levará muito tempo e investimento para qualquer país africano alcançar o nível de eficiência da Europa ou mesmo da Índia ou Vietname. É sempre melhor ir buscar a tecnologia onde ela é melhor produzida, em termos de qualidade e custos, e concentrar a atenção e os investimentos na melhoria do setor agrícola, na formação de pessoal qualificado, na construção de um ambiente favorável para investimentos, na redução dos riscos do investimento. É aconselhável que o continente se concentre na melhoria das condições políticas, de infraestruturas como estradas, eletricidade e internet e, mais uma vez, na formação de quadros: decisores políticos, potenciais investidores, gestores de cooperativas, gestores e operadores de fábrica e agricultores.

Um novo horizonte na transformação do caju

Processo e controlo do processo. Muitos acreditam que a simples introdução de máquinas, ao reduzir a mão de obra, é a solução para uma melhor indústria de transformação. Na verdade, acredito que se deva primeiro dar mais atenção ao processo, para que possam ser identificadas corretamente as soluções certas em termos de maquinaria para as condições do

processo. Há muito poucos transformadores que têm isto em consideração ou mesmo que têm conhecimento do processo correto para o tratamento do caju. Por exemplo, muitos deles desconhecem os perfis de humidade e a sua importância nas várias etapas da transformação. Muitos deles nem têm um medidor de humidade na sua fábrica.

Todas as etapas da transformação, que são pelo menos 7 (vaporização, secagem, descasque, humidificação/choque térmico, remoção da película, classificação e embalagem) estão interligadas. O resultado de uma determina o resultado da seguinte. Para combinar a eficiência com a qualidade, é extremamente importante implementar um processo real e ter máquinas que permitam aplicá-lo e controlá-lo. Resumindo: “processo e controle de processo” versus “transformação às cegas”. Na minha opinião, este é o novo horizonte na indústria do caju.

Autor: Stefano Massari, Diretor Executivo e Proprietário da Oltremare Srl, em Itália

A atividade principal da Oltremare é a conceção e produção de soluções para a transformação do caju em todas as etapas do processo: desde o tratamento da RCN pós-colheita até ao embalagem do produto acabado, passando pela pasteurização e/ou torrefação. Desde a sua fundação em 1960 a Oltremare inovou, apresentou propostas e introduziu soluções eficientes para todas as áreas da transformação do caju. Qualquer país relevante na transformação da castanha de caju possui uma instalação da Oltremare.





Pontos de Vista



Nome: Salma Seetaroo

Cargo: Diretora Executiva

Organização: Ivoirienne de Noix de Cajou (INCajou)

Fale-nos, por favor, da Ivoirienne de Noix de Cajou. A fábrica entrou em operação há apenas um ano.

A INCajou é uma infraestrutura de transformação de caju na Costa do Marfim, com 9000 toneladas de capacidade. O que fazemos é simples, mas a razão pela qual o fazemos é muito mais emocionante. O caju não tem uma identidade, nos dias de hoje. Uma em cada duas castanhas de caju em bruto é cultivada em África, exportada para o Vietname para transformação e finalmente enviada novamente para a UE ou para os EUA, para ser consumida. O INCajou procura dar uma identidade ao caju, uma identidade africana. O nosso modelo de negócio é simples: compramos a castanha de caju em bruto aos agricultores locais; fazemos a sua transformação em amêndoa, empregando jovens e mulheres de comunidades próximas, e exportamos esta amêndoa para a Europa e os EUA. A nossa fábrica, com certificação HACCP, encontra-se em Azaguie, perto de Abidjan. Atualmente, estamos a transformar 4.000 t. de castanha de caju em bruto e temos mais de 450 funcionários, dos quais dois terços são mulheres. Duplicaremos a produção para 8.000 t. (que é a nossa capacidade instalada) em 2020 e pretendemos exportar mais de 100 contentores no próximo ano, ao mesmo tempo que nos focamos na agricultura biológica e comércio justo.

A nossa visão é tornarmo-nos uma empresa africana lucrativa, e demonstrar um impacto social, económico e ambiental quantificáveis, ao integrarmos agricultores isolados com consumidores finais desconetados, numa cadeia de valor sustentável.

O que a motivou a investir na transformação de caju na Costa do Marfim?

Eu trabalhava na banca de investimentos, onde estruturei e angariei financiamentos para ativos nos sectores do minério e telecomunicações, por todo o

continente africano. Pessoalmente, acredito que a transformação agrícola e a subsistência alimentar representam o maior potencial de África e quando surgiu a oportunidade de consolidar uma cadeia de valor em África, onde se estava a tentar capturar de novo no continente a fuga de valor, não tive dúvidas que devia investir o meu tempo e esforço em entender o setor e contruir o cenário de investimento, uma vez que o consumo de frutos secos está a aumentar e o caju é pouco divulgado, mesmo representando um produto essencial na produção de leite e queijos veganos.

Obteve o HACCP em menos de 5 meses: Parabéns! Como conseguiu? Quais foram as forças motrizes?

Eu trabalhava na banca de investimentos, onde estruturei e angariei financiamentos para ativos nos sectores do minério e telecomunicações, por todo o continente africano. Pessoalmente, acredito que a transformação agrícola e a subsistência alimentar representam o maior potencial de África e quando surgiu a oportunidade de consolidar uma cadeia de valor em África, onde se estava a tentar capturar de novo no continente a fuga de valor, não tive dúvidas que devia investir o meu tempo e esforço em entender o setor e contruir o cenário de investimento, uma vez que o consumo de frutos secos está a aumentar e o caju é pouco divulgado, mesmo representando um produto essencial na produção de leite e queijos veganos.

Obteve o HACCP em menos de 5 meses: Parabéns! Como conseguiu? Quais foram as forças motrizes?



Membros da equipe Incajou e Caronuts

Fonte INCajou



Acho que tudo começa com a responsabilização: senti que a empresa corria o risco de produzir amêndoa que não era segura para consumo e sinceramente acredito, como produtora de alimentos comestíveis, que a nossa principal obrigação para com os nossos clientes é a segurança alimentar. Em segundo lugar, tratava-se de provar que, não é por sermos produtores africanos de alimentos que é difícil conseguirmos a certificação e de a obtermos num prazo aceitável. Fiquei muito chateada ao ouvir de potenciais compradores europeus, com pouquíssima experiência de África, ao visitarem a fábrica, que não entendiam como é que não conseguíamos ter uma certificação "fácil de obter", como o HACCP. Também queria que os meus pares no setor vissem que isto é possível .

Qual foi o acontecimento mais emocionante no processo de certificação? Poderia destacar a parte mais desafiadora do processo?

A parte mais emocionante, e também mais desafiadora (!), do processo foi fazer com que cada membro da equipa entendesse a importância do próprio processo. No momento em que entenderam, tudo mudou na fábrica. As instalações ficaram impecáveis. Foi necessário um esforço significativo por parte da minha equipa da qualidade (Landry, Prudent e Djani!). Também tivemos o apoio da Caronuts, a nossa compradora de amêndoa, que investiu no apoio à certificação; e em especial do Miguel Zavonon, que nos ajudou como parte integrante da nossa equipa. Também investi muito do meu tempo pessoal a fazer pequenas reuniões de 20 funcionários todos os dias para lhes explicar pessoalmente o porquê de este ser um processo essencial para a sustentabilidade da empresa e que era um exame comum que estávamos todos a fazer, para testar a nossa capacidade de sermos produtores de alimentos seguros .

Na sua opinião, quais são as 3 a 5 coisas mais importantes que um transformador deve fazer para obter a certificação HACCP no menor tempo possível?

Em termos de dicas, como diria o Miguel, tudo começa com o grau de compromisso da gerência... mal eu sabia quando começámos o processo... mas realmente hoje já posso explicar o que isso significa. Trata-se de ser implacável com a higiene, educar a sua equipa, mas também sancionar aqueles que não cumprem as regras de segurança alimentar – este é o verdadeiro

significado de tolerância zero a hábitos que promovem alimentos não seguros. Trata-se também de investir tempo como diretora da empresa neste domínio e não delegar. Você precisa de acreditar que é um domínio essencial para a sua estratégia de negócio e não um complemento, e a sua equipa seguirá esta visão. O resto é implementação e repetição...

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ?

O nosso desafio agora é manter daqui para a frente os padrões de segurança alimentar que já alcançámos, e não cair em velhos hábitos que, esperamos, tenham morrido

Entrevistada por: Barbara Adu Nyarko, Assessora, Cadeia de Abastecimento, GIZ/ComCashew



Foto de grupo após auditoria HACCP

Fonte : INCajou

A INCajou - Ivoirienne de Noix de Cajou, é uma empresa de transformação de caju com certificação HACCP, sediada na Costa do Marfim, com uma capacidade instalada para transformação da castanha em bruto de até 9.000 toneladas, que conta atualmente com mais de 450 funcionários.

Pontos de Vista



Nomes: Sr. Barathy e Sr. Sharathi

Organização: Gayathri Industries



Há quanto tempo a vossa empresa atua no setor da tecnologia de transformação do caju?

Fabricamos máquinas para a transformação do caju desde 1994. Tudo começou com a disponibilização de secadores de caju com eficiência energética, com várias opções de aquecimento: combustão da casca de caju, combustão a madeira, aquecimento elétrico, combustão a petróleo liquefeito (GPL)/combustão a gásóleo e aquecimento a vapor, conforme a necessidade dos clientes.

A experiência prática e os conhecimentos adquiridos ajudaram-nos a aventurarmo-nos na produção de toda uma gama de máquinas para a transformação do caju com tecnologia de ponta.

A Gayathri Industry adotou uma nova imagem em abril de 2015, sendo agora a GI Technologies, que é um nome mais alinhado com o seu contributo para o desenvolvimento tecnológico.

A experiência que adquirimos na fabricação de maquinaria com uma equipa de profissionais multidisciplinares e uma divisão interna de *design* e desenvolvimento, criou a oportunidade de atualizar a tecnologia de transformação do caju e oferecer inovações ilimitadas na sua gama de máquinas de calibragem de RCN, máquinas de descasque manual/mecanizado, sistemas contínuos de descasque até à recolha, máquinas de remoção da película e de classificação automática da amêndoa; feitas especialmente para a amêndoa de caju, bem como uma variedade de sistemas de manuseamento do produto no processo de transformação.

Recentemente, montámos uma fábrica com maquinaria de excelência para a transformação do caju – permite tratar 20 toneladas por turno – na África Ocidental, o que estabelece uma nova meta para o setor.

Atualmente estamos totalmente equipados para oferecer aos transformadores do caju de todo o mundo um *layout* personalizado de maquinaria para fábricas e a modernização das fábricas existentes, consultoria de projetos, projetos prontos-a-usar e sistemas de manuseamento do produto.

A GI Technologies está empenhada em inovar e atualizar continuamente a sua oferta de maquinaria, para responder, sempre que necessário, à crescente procura dos transformadores de caju por tecnologias apropriadas, de forma a ajudá-los a crescer globalmente.

Qual era o estado da tecnologia quando entraram no setor da fabricação de equipamentos para a transformação do caju? O que vos motivou?

No início dos anos 90, as principais operações na transformação do caju eram feitas manualmente. Descascar a castanha de caju, remover a película da amêndoa e classificar a amêndoa era processos que necessitavam de muita mão-de-obra e eram tarefas demoradas e perigosas/entediadas.

O que mudou desde que começaram a fabricar máquinas de transformação do caju?

Fomos pioneiros na introdução de secadores de tabuleiros para o aquecimento uniforme da amêndoa de caju para descascar sem descolorir a amêndoa – fornecemos várias opções de aquecimento como a elétrica, GPL, queima de madeira e aquecimento a vapor, com sistemas precisos de controle de calor e temperatura para um tratamento térmico uniforme e adequado da amêndoa para descascar.

Além disso, o embalagem a granel da amêndoa em sacas com racemização e infusão de gás inerte, que permite uma maior validade do produto, substituiu o tradicional e complicado embalagem em lata, que era um método menos eficiente. Foram também introduzidos sistemas pneumáticos de remoção da película, para substituir a remoção manual.

O sistema descascamento da castanha de caju, que era manual e perigoso, foi substituído por máquinas automatizadas de descascamento, permitindo uma maior produtividade e segurança. Foram introduzidas máquinas óticas de seleção por cor, que garantem uma classificação rápida e eficiente da amêndoa de caju em termos de forma, tamanho e cor, imitando as capacidades de um ser humano.

Em resumo, a mecanização ajudou os transformadores a enfrentar a crescente escassez de trabalhadores devido ao êxodo rural, o meio onde a indústria do caju



se localizava tradicionalmente. Também reduziu consideravelmente os custos da transformação, permitindo ao mesmo tempo uma maior produtividade. A mecanização ajudou a promover a indústria da transformação de caju na Índia e a importação de castanha de caju dos países africanos.

Como tem sido a evolução histórica das máquinas e equipamentos da transformação do caju? Quais as principais mudanças e inovações na transformação do caju e no desenvolvimento de equipamentos de transformação nos últimos 10 a 20 anos?

A evolução histórica da máquina de transformação do caju abrange todas as três etapas da transformação, nomeadamente o descasque, a remoção da película e a classificação. A mecanização na classificação do caju é equivalente à eficiência humana com mais velocidade. A mecanização no descasque e remoção da película ainda não gerou a eficiência esperada para o processo – os fabricantes de maquinaria ainda continuam a fazer esforços para a sua contínua melhoria – mas as conquistas são significativas, ainda que incrementais.

Que implicações têm estas mudanças no processo de transformação e quais os seus impactos na qualidade dos produtos?

A mecanização ajudou a reduzir o custo de produção e permite maior rapidez na capacidade de produção. Foi alcançada uma qualidade de produto consistente e confiável.

Em que área ocorreram a maioria das inovações? Que fatores as impulsionam?

A inovação está a acontecer um pouco por todo o Sri Lanka, Vietname e Índia. O aumento da procura mundial por amêndoa de caju e, portanto, a necessidade de redução dos custos na transformação, é um fator essencial para a inovação. A concorrência entre os países exportadores de amêndoa impulsiona a inovação.

Na vossa opinião, o que contribuiu para as mudanças/inovações/melhorias na tecnologia de transformação do caju?

A necessidade de reduzir o custo da transformação e a crescente procura por qualidade por parte dos compradores foram os principais fatores que

alimentaram inovações e melhorias.

Além disso, a entrada de empresas multinacionais na transformação do caju teve um impacto: expectativas maior e mais consistente qualidade, de acordo com os requisitos/especificações da empresa. A imagem comercial das multinacionais também contribuiu para uma melhoria contínua, através de periódicas inovações.

A eficiência ecológica é um aspeto importante na transformação do caju. Que inovações surgiram nesta área?

A transformação do caju em si é um processo amigo do ambiente, a mecanização não mudou o seu caráter de transformação.

Que impactos económicos existem para as fábricas de transformação do caju?

Após a mecanização, as fábricas de transformação do caju oferecem oportunidades de emprego a engenheiros qualificados e mecânicos com formação, além de oportunidades para aumentar as receitas em divisas estrangeiras através da agregação de valor à RCN nos países africanos.

Existem inovações no que diz respeito ao embalamento e armazenamento de amêndoa do caju e subprodutos?

O embalamento da amêndoa de caju foi melhorado com total mecanização e o surgimento das sacas flexíveis, garantindo assim um maior prazo de validade.

Quais as principais inovações na transformação da castanha de caju e dos pedúnculos?

Até ao momento não foi observada qualquer inovação na transformação da castanha. A transformação do pedúnculo é sazonal e existe tecnologia pronta a ser adotada.

Os jovens e as mulheres representam pelo menos 90% da mão-de-obra das fábricas. Na sua opinião, as inovações atuais e previstas estão a ter em conta a integração da perspectiva de género. Se sim, a que nível? Caso contrário, o que podemos fazer para lidar melhor com as questões de género nas unidades de transformação?



Mesmo após a mecanização, existem empregos exclusivamente mais adequados para mulheres. Também estão abertos às mulheres trabalhos técnicos qualificados nas unidades mecanizadas de transformação do caju, uma vez que não necessitam de esforço físico.

Nesta era digital, em que consistiria a digitalização na transformação do caju? Já existe algum sistema de digitalização na transformação do caju, incluindo sistemas de recolha e armazenamento de dados?

A digitalização está nas primeiras fases de desenvolvimento no setor do caju – existem boas perspectivas num futuro próximo, uma vez que estão a surgir muitas oportunidades.

O jovem setor africano da transformação está um pouco atrasado. Uma opção alternativa é fabricar alguns equipamentos localmente. Na sua opinião, que fatores e colaborações são necessários para garantir o sucesso da manufatura local em África e promover a competitividade dos seus produtos de caju a nível mundial?

O estabelecimento de uma manufatura do caju mecanizada precisa de corresponder à procura contínua, disponibilidade local de todos os insumos de engenharia e disponibilidade de agentes qualificados, formados e com diplomados em engenharia. Há um longo caminho a fazer até que sejam estabelecidos centros de manufatura em África. Um primeiro passo pode ser a criação de um centro de formação em transformação e manutenção de maquinaria.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Os esforços feitos nos últimos anos pela Aliança Africana do Caju (ACA) e os seus membros são significativos e em breve darão frutos!!!

A Gayathri Industries (Chennai, Índia) foi fundada em 1994 pelo Sr. Barathy e pelo Sr. Sharathi, irmãos gémeos, com uma paixão por excelência em oferecer aos transformadores do caju máquinas de qualidade que incorporem as últimas inovações de forma a responder à crescente procura da indústria.

*Entrevistado por: Mary Adzanyo, Diretora,
Desenvolvimento do Setor Privado, GIZ/ComCashew*

Pontos de Vista



Nome: Joey Liao

Cargo: Gestor de Vendas

Organização: MEYER

Optoelectronic Technology Inc.

Há quanto tempo a vossa empresa atua no setor da tecnologia de transformação do caju? Qual era o estado da tecnologia quando entraram no setor da fabricação de equipamentos para a transformação do caju?

Há mais de 14 anos que estamos envolvidos no setor do caju no Vietname, Índia, África, Europa, Indonésia, China etc. Inicialmente, fornecemos máquinas de triagem para arroz, nozes e feijão e depois percebemos que as nossas máquinas poderiam ser usadas para a triagem do caju, o que iniciou uma nova era no nosso foco comercial.

Na época, a triagem do caju era feita manualmente em quase todas as fábricas, principalmente por mulheres treinadas. Hoje em dia isto mudou drasticamente.

O que mudou para vocês desde que começaram a fabricar máquinas de transformação do caju?

Para nós, a nossa rede cresceu e temos parceiros comerciais de todo o mundo, o que antes não tínhamos. Isto pode ser atribuído aos nossos maiores conhecimentos tanto do setor da castanha de caju e das suas perspectivas, como de máquinas para transformação e de comércio. Portanto, recebemos mais pedidos do que antes.

Além disso, sabemos mais sobre máquinas de transformação de caju de outros países, que são muito impressionantes. Eu acredito que precisamos de aprender com o outro e avançar juntos.

Como tem sido a evolução histórica das máquinas e equipamentos da transformação do caju? Quais as principais mudanças e inovações na transformação do caju e no desenvolvimento de equipamentos de



transformação nos últimos 10 a 20 anos?

Uma delas é a MEYER. Acho que as máquinas da transformação do caju para descascamento e remoção da película, principalmente as asiáticas (Vietname, Índia, China), evoluíram significativamente. Na Meyer, as nossas soluções para máquinas de triagem do caju evoluíram para incluir funções como a separação da casca e amêndoa e deteção por raio-X.

Que implicações estas mudanças têm no processo de transformação e quais os seus impactos na qualidade dos produtos?

Na minha opinião, as evoluções contribuíram para tornar a transformação do caju muito mais fácil e eficiente e para agregar maior valor a esta indústria. Também ajudou a melhorar o estatuto da transformação em África, com um aumento das empresas de transformação do caju no continente.

Onde se deram a maioria das inovações? Que fatores as impulsionam?

Tenho notado que o desejo de eficiência desencadeou inovações que permitiram passar do manual para a mecanização. Isto requer muita investigação e, portanto, grandes investimentos em investigação e desenvolvimento. Os classificadores óticos da Meyer, por exemplo, foram elogiados como um equipamento inovador e, posteriormente, conquistaram para a Meyer o reconhecimento como uma organização orientada para a inovação. No entanto, isto resultou do compromisso da organização com a investigação e o seu investimento no departamento de investigação e desenvolvimento, onde trabalham mais de 35% dos seus funcionários.

O futuro para nós e para a indústria da transformação é, na minha opinião, a Inteligência Artificial (IA), daí estarmos focados na triagem ótica por IA e na inspeção por raio-X.

Que impactos económicos existem para as fábricas de transformação do caju?

Na minha opinião, as oportunidades de emprego oferecidas nas fábricas da transformação do caju contribuem para impulsionar a economia dos países e, portanto, têm um impacto no desenvolvimento

nacional.

Existem inovações no que diz respeito ao embalamento e armazenamento de amêndoa do caju e subprodutos?

Em termos de embalamento, a introdução de máquinas de embalamento em vácuo otimizou a preservação da qualidade da amêndoa e aumentou o seu prazo de validade.

Quais as principais inovações na transformação da castanha de caju e dos pedúnculos?

Atualmente, existem muitos subprodutos do caju disponíveis para consumo. Podem ser produzidos óleo e sabão a partir da castanha ou o pedúnculo pode ser transformado em sumo, para citar apenas alguns.

Nesta era digital, em que consistiria a digitalização na transformação do caju?

A digitalização na transformação do caju, especialmente no que diz respeito à gestão de dados, garantirá precisão, pontualidade e fácil acessibilidade.

O jovem setor africano da transformação está um pouco atrasado. Uma opção alternativa é fabricar alguns equipamentos localmente. Na sua opinião, que fatores e colaborações são necessários para garantir o sucesso da manufatura local em África e promover a competitividade dos seus produtos de caju a nível mundial?

O nível geral de mecanização no continente permanece baixo, e a maioria dos africanos está mais envolvida na comercialização da RCN do que na transformação da amêndoa. Os países preferem fazer negócios com a RCN. O recente objetivo de aumentar a transformação local enfrenta a restrição de escassez de fabricantes locais de equipamentos. A maioria dos equipamentos utilizados é importada da Ásia. A minha sugestão é primeiro olharem para as aprendizagens feitas na Ásia e depois tentar criar tecnologias mais adequadas para o continente.

Por outro lado, é fundamental um ambiente propício para alcançar esse objetivo: estabilidade política e social do país, política governamental estável, política tributária clara e proteção de benefícios. Cada um



desses elementos é importante e não pode ser visto de forma isolada.

A Meyer Optoelectronic Technology INC (código de stock: 002690) é uma empresa de tecnologia de ponta, focada no desenvolvimento de investigação e soluções no campo das tecnologias de triagem ótica e inspeção por raio-X. Nos últimos 20 anos, a Meyer tem-se dedicado ao progresso da segurança alimentar e qualidade dos produtos industriais, mantendo sempre a confiança nos nossos valores: procurar continuamente a qualidade do produto e a satisfação do cliente. Até agora, as soluções de alta qualidade da Meyer para classificação ótica e inspeção não destrutiva foram entregues a mais de 30.000 clientes, abrangendo mais de 100 países.

Entrevistado por: Nana Yaa Agyepong, Técnica de Comunicação, GIZ/ComCashew

Opiniões sobre a evolução dos equipamentos de transformação da Mekong

A MEKONG CASHEW MACHINE, criada em 1996, é amplamente utilizada hoje em dia em muitas fábricas de transformação de caju no Vietname, Índia e também em África. Durante 13 anos, focamo-nos na investigação e fabricação de máquinas de transformação do caju no Vietname. Também fabricamos equipamentos para a transformação de pimenta, café e outros produtos agropecuários.

No início, especialmente no Vietname, o caju era em grande parte transformado manualmente. Nos dias de hoje, a maioria das fábricas é altamente mecanizada, tendo uma grande capacidade de transformação e níveis mínimos de trabalho manual. Somos motivados pelo *feedback* dos nossos clientes para melhorar e inovar em tecnologias de transformação, o que conseguimos centrando-nos na investigação.

De forma geral, há uma grande melhoria em termos de

poupança de tempo. No que diz respeito ao descasque de caju, por exemplo, há 10 anos, envolvia muito trabalho e tempo. Demorava pelo menos 5 dias para transformar o caju de RCN em amêndoa. Todo esse processo pode agora ser feito num dia.

Autor: Dang Van Tuyen, MEKONG MACHINE

Espaço dos Comentadores - Integração da Dimensão de Género: Realidades, Inovações e Perspetivas

A questão recorrente do género está no centro de muitos debates. Devido à sua natureza transversal, que implica uma mudança de mentalidades e comportamentos, a sua integração requer uma atenção clara e vontade sustentada de superar estereótipos, inclusivamente no setor do caju. Nós transportamo-lo ao Benim, para aprender com uma mulher experiente que faz da integração de género a sua batalha diária.

Nome: Ella Dorcas WAMA MARA

Cargo: Especialista em Finanças Agrícolas e Género
Gestora de Acesso a Financiamento Agrícola no projeto Benincajù, coordenado pela ONG internacional TECHNOSERVE



A incorporação da perspectiva de género continua a ser um elemento essencial para o desenvolvimento sustentável do setor de caju como um todo. Em vários países produtores de caju, o papel das mulheres é mais notório em atividades de colheita e pós-colheita. Obviamente, tal constitui uma subutilização das suas capacidades e uma restrição de sua autonomia financeira. Na sua opinião, que inovações foram feitas para superar esta situação?

Desde o início, posso dizer que várias análises de género na cadeia de valor do caju revelam que o



trabalho das mulheres não é valorizado. As mulheres têm um acesso difícil e limitado a recursos de produção (terra, recursos financeiros, informação, formação), o que reduz a renda que as mulheres e a comunidade ganham com a produção do caju.

Ao nível dos viveiros, as mulheres são reconhecidas como enxertadoras muito talentosas; no entanto, o seu trabalho como enxertadoras não é pago ao valor real. Além disso, a formação em técnicas de enxerto é dada em primeiro lugar aos responsáveis pelos viveiros.

No que diz respeito às atividades das mulheres relacionadas com a manutenção das plantações, colheita e pós-colheita, as suas contribuições simplesmente não estão incluídas nas estimativas de tarefas a serem remuneradas. O trabalho das mulheres é frequentemente considerado "normal" na plantação da família.

Para compensar esta situação, foram iniciadas várias ações inovadoras, algumas das quais estão em processo de implementação:

- Aumentar a consciencialização entre os atores do setor do caju sobre a necessidade de valorizar o trabalho das mulheres, não apenas como uma questão de equidade, mas também como uma ferramenta para o desenvolvimento económico e a criação de riqueza, e para aproveitar ao máximo as oportunidades na cadeia de valor do caju.

- Especialização e quantificação numérica do trabalho das mulheres em enxertia, colheita e pós-colheita. No meu país, o Benim, a determinação do custo de produção de uma muda de caju certificada tornou possível definir a margem de trabalho da mulher enxertadora e, assim, determinar o custo do seu serviço.

- Agora também é aceite que a formação sobre atividades de colheita e pós-colheita inclua mais as mulheres beneficiárias, com uma cota mínima de 60%;

- A organização de eventos anuais (cerimónia de prémios, conferências e debates) para promover o trabalho das mulheres também é uma inovação louvável. Durante a cerimónia, que envolve autoridades do Estado e parceiros técnicos e financeiros que apoiam a cadeia de valor do caju, são reconhecidas as melhores

iniciativas e inovações na promoção do trabalho das mulheres e o valor deste trabalho nos vários elos da cadeia de valor do caju. Estes eventos são objeto de uma campanha de comunicação em francês e no idioma local: há uma cobertura dos media antes do evento, durante o evento e produção de material para usar posteriormente.

Tem outras sugestões que, na sua opinião, possam otimizar a integração da perspectiva de género na produção do caju (políticas, leis, mudança de mentalidade e comportamentos)?

Para uma melhor integração do género na produção do caju, é importante atuar em níveis essenciais, em particular:

- A institucionalização do género ao nível das autoridades envolvidas na produção do caju:

- Definição de uma estratégia para acelerar a incorporação da perspectiva de género;
- Desenvolvimento de planos de ação inovadores e realistas para a incorporação da perspectiva de género;
- Designar e incentivar pontos focais de género a todos os níveis dentro das organizações de produção e estruturas de apoio à produção do caju;
- Adoção ou revisão da estrutura dos estatutos e regulações das organizações para uma maior integração do género.

"Qualquer dinâmica de mudança leva a corolários de desvio.... As mulheres equipadas com ferramentas para integrar o género terão o papel de monitorizar e propor medidas corretivas sempre que surja um problema".

- Capacitação de atores (operacionais ou institucionais) sobre os desafios e ferramentas de integração de género na produção do caju:

- Formação/Reciclagem específicas, com efeitos multiplicadores: deve-se dar ênfase em particular à "educação financeira" para que as mulheres fortaleçam a sua capacidade de administrar fundos e calcular poupanças;



- Monitorizar a implementação de roteiros que resultem das formações;
 - Implementação de um sistema de monitorização e avaliação para a incorporação da perspectiva de género. Qualquer dinâmica de mudança leva a corolários de desvio. Uma das recomendações seria a designação de "mulheres líderes no setor do caju" em cada aldeia; designação essa que seria feita a partir do método do sociograma. Estas mulheres serão posteriormente equipadas com as ferramentas para integrar a perspectiva de género. O seu papel será garantir esta integração e propor medidas corretivas sempre que surja um problema.
 - Com relação à sensibilização entre pares, os líderes de opinião e outros líderes religiosos e tradicionais, que são os pilares do diálogo comunitário, estão em posição de mudar atitudes negativas.
- Advocacia e *lobby* para a adoção, e rigorosa implementação, de um meio legal para facilitar o acesso das mulheres aos recursos principais:
- Desenvolvimento de uma estratégia de advocacia sub-regional;
 - Estabelecimento de um comité de orientação e apoio às células nacionais de advocacia para promover o valor do trabalho das mulheres na produção do caju.
- Partilhar experiências de sucesso em empoderamento de mulheres produtoras de caju:
- Estabelecimento de uma plataforma internacional para a integração da perspectiva de género na produção;
 - Organização de reuniões nacionais e internacionais para promover as melhores iniciativas de integração do género na produção do caju.

"O trabalho silencioso das mulheres nas plantações familiares de caju merece reconhecimento e remuneração".

As mulheres e os jovens constituem pelo menos 90% da força de trabalho nas fábricas de transformação. No entanto, deve-se notar que a sua presença se torna

mais limitada quando temos em conta o nível da tomada de decisões. Existem medidas inovadoras para encontrar um equilíbrio?

O objetivo de aumentar a taxa da transformação em África não deve ofuscar ou subestimar a importância da integração da perspectiva de género. Atualmente, a especificação de género das tarefas na cadeia de valor do caju é muito notável ao nível da transformação. Com o descascamento mecanizado, as profissões na transformação do caju exigem uma mão de obra pouco qualificada. Normalmente são as mulheres que representam este tipo de mão de obra devido ao seu baixo nível de educação e formação, derivado de razões socioculturais.

Além disso, em todo o lado as mulheres são vítimas do efeito "telhado de vidro". Isto é mais pronunciado no setor da transformação do caju, porque os empresários, obcecados com o desempenho das suas unidades, estão relutantes em colocar mulheres em posições de tomada de decisões. As mulheres são vítimas de preconceitos sobre os papéis de género.

É imperativo fazer *lobby* para que o desempenho social e a integração da perspectiva de género se tornem critérios-chave para avaliar as unidades de transformação do caju. Também poderíamos considerar a classificação das fábricas de acordo com estes dois critérios e fazer deles um ponto determinante para o acesso a subsídios ou financiamentos ou outro apoio por parte dos parceiros técnicos e financeiros envolvidos no setor do caju.

Também será necessário sensibilizar os estudantes a considerarem carreiras em profissões ligadas à transformação do caju.

Na sua opinião, que soluções pragmáticas poderiam melhorar a liderança feminina na castanha de caju e na transformação de subprodutos?

Eu vejo essa componente através de uma valorização estratégica, por parte dos vários atores envolvidos, das contribuições das mulheres, de forma a incentivar a liderança feminina na transformação. As mulheres, em cargos ligados à transformação ou em qualquer outro setor, precisam de se sentir valorizadas pelo seu



trabalho. Isto liberta o potencial que têm. Mais especificamente no setor da transformação, são necessárias as seguintes medidas:

- Valorizar o trabalho das mulheres e remunerá-lo ao seu valor real;
- Prestar apoio técnico e financeiro às mulheres envolvidas na transformação artesanal do caju e subprodutos;
- Priorizar as unidades de transformação de acordo com a taxa de mulheres na administração da empresa;
- Formação específica sobre liderança feminina, tanto para os responsáveis das unidades de transformação como para as mulheres que trabalham no setor;
- Divulgar os casos de sucesso das unidades de transformação que empregam mulheres ao nível da gestão;
- Incentivar iniciativas para apoiar as mulheres transformadoras do caju.

Têm existido progressos em termos de regulamentação, embora ainda sejam necessários alguns ajustes. Quais os principais obstáculos à sua implementação e às mudanças de comportamento e de que forma podem ser ultrapassados?

A estrutura legal e normativa para a incorporação da perspectiva de género melhorou significativamente tanto a nível nacional quanto internacional. No entanto, o acesso das mulheres aos recursos na cadeia de valor do caju continua dependente de vários fatores, incluindo:

- Os encargos sociais ainda persistentes nas nossas sociedades, onde a falocracia é descaradamente desenfreada;
- Obstáculos à integração do género (negação, subversão, inversão, redução, seleção, etc.);
- A falta de um sistema de monitorização cidadão para a implementação de medidas de integração do género;
- O sistema patriarcal que perpetua preconceitos contra a integração do género.

Algumas ações que ajudariam a melhorar a integração da perspectiva de género são a educação de raparigas e rapazes sobre equidade de género, o acesso das mulheres a formação técnica orientada para o setor, a consciencialização dos líderes de opinião sobre a importância da integração do género, a repressão efetiva de atos de violação de direitos, uma maior vontade política traduzida em ações concretas, realistas e pragmáticas, a integração do género em todas as atividades e projetos no setor do caju e o reforço do trabalho das mulheres.

O acesso das mulheres à terra, o principal fator na produção do caju, exige ações mais ousadas, em particular a disseminação das disposições do Código Fundiário e sua implementação efetiva bem como a implementação efetiva dos vários métodos de acesso à terra (direto, indireto e misto) em benefício das mulheres.

Numa dinâmica de mercado em constante mudança, que estratégia e/ou técnica pode propor para uma melhor integração do género nos diferentes elos da cadeia de valor do caju e para que categoria de ator (mulheres beneficiárias, governos, atores da cadeia de valor do caju, parceiros técnicos, associações etc.)

A incorporação da perspectiva de género é uma obrigação legal, contratual, económica e moral. Cada ator, a cada nível, deve desempenhar o seu papel na consecução dos objetivos de incorporação da perspectiva de género na cadeia de valor do caju.

- O governo deve mostrar uma vontade política clara e determinada a favor da integração do género, e traduzir essa vontade numa reformulação da estrutura legal e normativa que rege o setor da castanha de caju;
- As associações de produtores devem tornar realidade a institucionalização do género a todos os níveis e proibir disposições normativas que constituam uma exclusão das mulheres.
- Os parceiros técnicos e financeiros devem assumir o dever de apoiar iniciativas para promover uma maior integração do género nos diversos elos da cadeia de valor do caju e torná-lo um requisito contratual com os prestadores e beneficiários do seu apoio;



- As mulheres que trabalham nos diferentes elos da cadeia de valor do caju devem organizar-se para fortalecer as suas capacidades de liderança, de forma a terem um acesso total a todos os recursos desta cadeia de valor;

De qualquer forma, todos os atores devem ter em consideração o papel triplo das mulheres: produtivo-reprodutivo e comunitário, se querem ter sucesso com qualquer estratégia de integração do género na cadeia de valor do caju

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Em suma, a incorporação da perspectiva de género não é apenas uma "questão das mulheres". É uma questão chave para o desenvolvimento económico e social. Esta integração é vital, pois as desigualdades no acesso a recursos e oportunidades dificultam o crescimento económico e a sua manutenção. Deve ser baseada em ações firmes e apoio institucional, com indicadores e objetivos claros, porque não é uma coisa que aconteça da noite para o dia. É um processo contínuo que requer uma parceria entre homens e mulheres. As nossas comunidades têm tudo a ganhar com a implementação da equidade de género, particularmente na cadeia de valor do caju.

Digo isto a toda a gente: podemos fazê-lo e devemos fazê-lo! Obrigada!

Entrevistada por: Alima Viviane M'Boutiki, Técnica de Formação e Género, GIZ/ComCashew

Aprender através da cooperação – Visita Técnica da Delegação da Serra Leoa ao Gana

Uma delegação da Serra Leoa, liderada pelo ministro adjunto do Ministério da Agricultura e Florestas, Sr. Sam-King Braimah, visitou o Gana de 23 a 25 de julho para, entre outras coisas, aprender mais sobre os

setores ganenses do cacau e do caju. Esta visita foi semelhante à realizada na Costa do Marfim.

A partir do início dos anos 90, a Serra Leoa implementou um programa estrutural, recomendado pelo Banco Mundial, para liberalizar o mercado de cacau no país. Com efeito, o conselho de marketing do cacau da Serra Leoa, responsável pela determinação dos preços antes da temporada de colheita e pelo marketing da exportação, foi dissolvido. Isto significa que, atualmente, o país não obtém quaisquer receitas ou divisas do setor de cacau. A situação não é muito diferente no setor do caju, que é relativamente mais jovem.

Consequentemente, os Ministérios do Comércio e da Agricultura perceberam a necessidade de criar políticas para melhorar o bem-estar e o desenvolvimento dos setores do cacau, caju e café. É neste sentido que foram efetuadas as visitas técnicas ao Gana e Costa do Marfim. Estas também estão alinhadas com o programa de diversificação de culturas do governo para priorizar estas três culturas, também conhecidas como 3 Cs.

A viagem proporcionou à delegação a oportunidade de aprender mais sobre as estratégias setoriais de ambos



Assinatura do acordo de implementação entre a GIZ/ComCashew e o MAF - Fonte : GIZ/ComCashew

os países e sobre o importante papel da investigação para garantir maior produtividade.

A 23 de julho, o grupo participou na primeira reunião da plataforma de aprendizagem sobre o caju, organizada em conjunto pelo Ministério da Agricultura e



Alimentação do Gana (MoFA), a Aliança Africana do Caju (ACA) e a iniciativa Competitiva do Caju (GIZ/ComCashew), no escritório do MoFA, em Acra .

Durante a reunião, foi assinado um acordo de implementação entre a GIZ/ComCashew e o Ministério da Agricultura e Florestas da Serra Leoa, na presença do Diretor de Serviços de Culturas do MoFA.

No dia seguinte, a delegação visitou a Cocoa Processing Company, em Tema, e a fábrica de transformação da Winker Cashew, em Afienya, onde tiveram a oportunidade de observar os vários passos na transformação do cacau e do caju, respetivamente.

O próximo passo será a assinatura de um Memorando de Entendimento entre o Ministério da Agricultura e Florestas da Serra Leoa e o Gana Cocobod, o MoFA e a GIZ/ComCashew, para aprender com as suas

Investigação de Cacau do Gana (CRIG). Através da cooperação entre os seus cientistas, serão desenvolvidos protocolos de investigação para melhorar a produção de cacau e caju na Serra Leoa. Além disso, ambos os países podem beneficiar da troca de conhecimentos e materiais e espécies de plantio.

Além do mais, considerando os conhecimentos adquiridos, a Serra Leoa criará um conselho de marketing da produção, à semelhança do COCOBOD do Gana ou reforçará a atual conselho de monitorização da produção com a responsabilidade adicional de marketing. Também seria pertinente o governo dedicar mais recursos à investigação.

Finalmente, será realizada ainda mais a cooperação regional, para garantir que, em vez de reinventar a roda, os vários países se baseiem nas lições aprendidas entre si.

Autora: Amara Idara Shderiff (Diretora Geral/Diretora Executiva de Agricultura), Ministério da Agricultura e Florestas, Serra Leoa



O Ministro Adjunto partilha as suas ideias após a visita à fábrica de transformação do caju

Fonte : GIZ/ComCashew

experiências. Só este ano a Serra Leoa já beneficiou de 6.500 quilos de sementes policlonais do MoFA, por intermédio da GIZ/ComCashew e aguarda ansiosamente por maior apoio nesta área. As sementes foram enviadas para institutos de investigação e universidades, de forma a serem submetidas a estudos adicionais e para servirem de base ao desenvolvimento de mais variedades e serem posteriormente distribuídas aos agricultores.

O país também espera fortalecer o seu instituto de investigação, estabelecendo relações com o Instituto de

Liderar o caminho no setor do caju – Teodora Carlos, a promotora do caju

Encontramos Teodora Carlos no seu jardim, onde reuniu os presidentes dos seus grupos. A Teodora é uma produtora de caju em Naheiro, no distrito de Larde. Ela tem 45 anos, é casada, tem 6 filhos e possui apenas 7 anos de educação formal.

“Sou responsável por 7 grupos e cada grupo tem 7 membros e um presidente. Os grupos são compostos por homens e mulheres e eu gosto de trazer mais mulheres a participar neles. Sendo mulher, espero conseguir inspirar outras. Os grupos são fortes, agora as nossas finanças estão melhores porque vendemos o caju em grupos”, diz ela.

“Eu ensino os produtores de caju da área a importância da remoção precoce de ervas daninhas e como fazer proteções contra o fogo entre as árvores para evitar incêndios. Também os ensino a pulverizar adequadamente as árvores para evitar o míldio no caju”, diz Teodora, descrevendo o seu trabalho como



promotora. Ela também ensina como fazer melaço (um xarope) a partir dos pedúnculos do caju. Ela reforça o fato que trabalhar em grupo é bom para a agricultura .



*Teodora e o marido em frente a uma árvore de caju -
Fonte : Emalink*

“Se cuidarmos bem das árvores de caju, obteremos uma colheita melhor. E quando vendemos enquanto grupo, somos mais fortes nas negociações com a OLAM e podemos obter um preço melhor.”

Teodora é uma das promotoras da área, formando os agricultores vizinhos. É promotora do caju desde 2014, sendo uma das beneficiárias dos programas de formação implementados pela Emalink e pela Fairmatch Support, como parte das atividades da GIZ/ComCashew em Moçambique. Entre 2018 e 2019, foram formados mais de 3.000 agricultores. Estes agricultores comercializam conjuntamente a sua castanha de caju e, portanto, beneficiam de um melhor preço para a RCN.

Os presidentes e o seu marido, Maurício, contam-nos sobre os desafios e as vitórias. “Tivemos alguns problemas com a doença do oídio no caju, mas agora podemos pulverizar e conhecemos bem as misturas, por isso está sob controle. A máquina de pulverização é cara e nem todos podem pagar”, explica um dos presidentes. Outro acrescenta: “Vejo uma grande diferença nas árvores da machamba depois de entrar para o grupo. A produção de caju e a economia são melhores, pois vendemos a castanha de caju em conjunto, enquanto grupo.”

A Teodora começou a prestar mais atenção às suas árvores de caju em 2012. Ela tem 2 machambas com 150 árvores numa e 70 árvores mais jovens na outra. Mostra orgulhosamente os seus registos agrícolas: 4 hectares com um rendimento de 805 kg de castanha de caju. “Calculei que cada árvore me dava um lucro de 48 meticais (0,80 USD). Vou lucrar mais quando as árvores pequenas começarem realmente a produzir.” O caju é a sua principal fonte de rendimento, complementado pela venda de batata-doce, banana, amendoim, laranja e frango frito. Ainda cultiva mandioca, feijão e arroz, principalmente para consumo doméstico.

A casa de Teodora é grande, com paredes de tijolo e chapas no telhado. “A nossa casa anterior estava coberta de erva e ardeu em 2015. Compramos as chapas com os lucros do caju”

Longe do grupo, ela conta-nos a sua motivação para ser produtora de caju. “É difícil ganhar dinheiro suficiente para dar às crianças uma boa educação. A educação é muito cara e os preços subiram este ano. Temos que trabalhar muito, porque queremos dar aos nossos filhos uma educação para que eles tenham melhores possibilidades na vida.”

Autora: Else-Marie Fogtmann, Emalink Moçambique

Digitalização: Inovações Recentes na Recolha de Dados da GIZ/ComCashew

O departamento de monitorização e avaliação da GIZ/ComCashew realiza, desde 2010, diferentes pesquisas para facilitar o fornecimento de dados e informações precisas sobre a produtividade do caju e os empreendimentos agrícolas dos agricultores, entre outros. As investigações são realizadas em parceria com a Federação Nacional de Produtores de Caju do Benim (FENAPAB) no Benim, com a Direção-Geral de Promoção da Economia Rural (DGPER) no Burkina Faso, com o Conselho do Algodão e do Caju (CCA) na Costa de Marfim, com o Ministério da Agricultura e Alimentação (MOFA) no Gana, com o Instituto de Fomento do Caju (INCAJU) e a Emalink em Moçambique e, recentemente, com o Ministério da Agricultura e Florestas (MAF) na Serra Leoa. Os especialistas técnicos da GIZ/ComCashew



apoiam os parceiros dos países na formação dos recenseadores selecionados nas áreas de aplicação dos questionários e no uso de GPS para mapeamento das plantações.

Até este ano, o processo do inquérito envolveu a conceção e impressão de questionários para recolha de dados, a recolha de respostas, a introdução, limpeza e análise manual dos dados, bem como a realização de relatórios das conclusões.

Para a pesquisa de rendimento do caju de 2019, foi introduzida uma ferramenta de pesquisa inovadora – o Open Data Kit (ODK). O Open Data Kit (ODK) é um conjunto de ferramentas que permite a recolha e o envio de dados para um servidor online, usando dispositivos móveis, mesmo sem ligação à Internet ou serviço de operadora móvel, no momento da recolha de dados. Os dados podem ser recolhidos remotamente sem ligação à Internet ou acesso à operadora móvel e alojados online.

O ODK foi instalado e testado e está a ser usado atualmente para recolha de dados em todos os países parceiros. Esta iniciativa foi útil para os recenseadores,



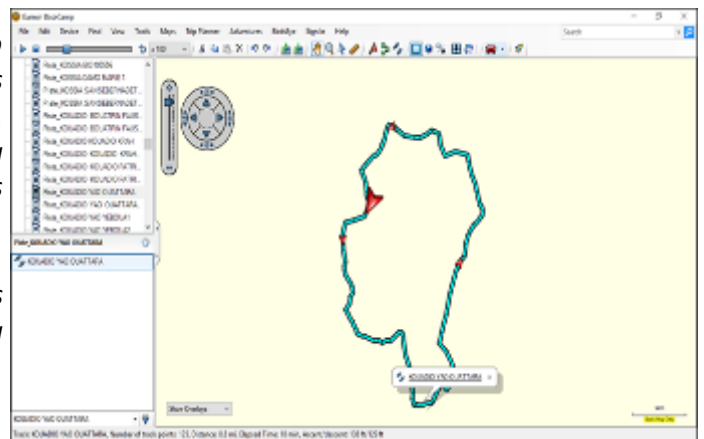
Recenseadores a aplicar questionário com tablets Samsung durante uma sessão de formação prática na Costa do Marfim – Pesquisa de Rendimento do Caju de 2019- Fonte : GIZ/ComCashew

pois com a ajuda dos tablets móveis, passam menos tempo a entrevistar agricultores. A equipa de M&A da GIZ/ComCashew pode aceder e fazer download dos dados do servidor, baseado na cloud ODK sempre que os recenseadores fizerem o upload de formulários de dados completos durante as suas visitas de campo. Esta tem sido, de longe, uma abordagem mais eficiente, em comparação com os métodos manuais anteriores de recolha de dados, em que os recenseadores preenchiam as respostas com caneta e depois transportavam os questionários preenchidos para um ponto central para a inserção manual dos dados. Este sistema poupa muito tempo e

minimiza os erros humanos que ocorrem no processo de inserção de dados em papel, além de permitir que os dados sejam monitorizados em tempo real durante a recolha, em vez de aguardar pelo fim do processo de investigação.

Em todas as fases de uso do ODK, enfrentamos alguns desafios técnicos, como elaborar perguntas em formato de tabela, problemas com palavras acentuadas em francês que mudam para caracteres irregulares, o recenseador não conseguir fazer upload de dados para o servidor ODK, entre outros. Estes e outros desafios foram resolvidos através de fóruns do ODK, onde os programadores forneciam assistência técnica remota. A GIZ/ComCashew, através da formação e capacitação técnica, está a progredir na sua visão de dar aos parceiros do país a posse total dos dados.

Sistema de Posicionamento Global (Mapeamento GPS)

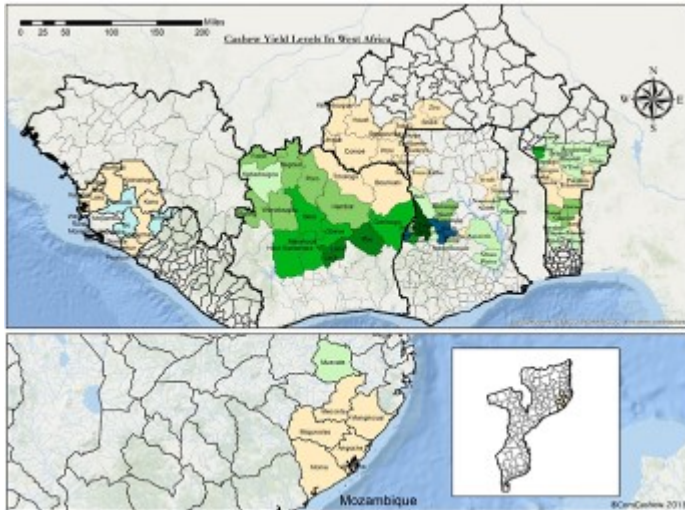


Um mapa da Garmin BaseCamp mostra uma plantação de caju em Bondoukou

Outra inovação digital útil para a pesquisa de rendimento anual é o Sistema de Posicionamento Global (GPS).

Desde 2012 que recenseadores com formação estão equipados com dispositivos GPS para realizar as pesquisas de plantações de caju, medindo e mapeando a localização, tamanho, árvores existentes e limites de áreas das plantações do caju.

Os dados espaciais dos dispositivos GPS são analisados usando as ferramentas de mapeamento BaseCamp e ArcGIS, permitindo a tomada de decisões informadas pela GIZ/ComCashew e os seus parceiros.



Um mapa de produtividade do caju criado com o ArcGIS

Autor: Derrick Dappah, Agente de Campo (Monitorização e Avaliação), GIZ/ComCashew

Transformando na origem: o apoio da Caro a um setor africano competitivo do caju

Os cajus são essenciais para o conjunto de produtos de frutos de casca rija da Caro. Antes de ser torrado nas instalações de última geração da Caro na Califórnia e enviado para mercados em todo o mundo, a maioria do caju Caro é colhido em África, sendo que uma parte é transformada em África e outra no Vietname. No entanto, isto está a mudar.

A Caro está empenhada no crescimento sustentável e inclusivo das regiões produtoras de caju da África, numa maior rastreabilidade do abastecimento da castanha, na capacidade de produção sustentável e na subsistência dos participantes do setor do caju.

A agricultura africana do caju cresceu fortemente: será a transformação local do caju a próxima a crescer?

Uns impressionantes 57% do abastecimento mundial do caju em bruto são cultivados em África, dos quais 44%



provém de agricultores da África Ocidental. No entanto, menos de 8% dessa produção africana é transformada no continente. A dependência de África em relação à transformação na Ásia causa um excesso de oferta desnecessária e uma volatilidade prejudicial nos preços. A transformação africana está num momento crítico. Com esforços cooperativos entre agricultores locais, empresas, organizações não-governamentais e organizações internacionais de doadores e empresas estrangeiras, o setor africano da transformação do caju poderá tornar-se um fornecedor competitivo e direto de castanha rastreável e de qualidade para os mercados americano e europeu. Estima-se que essa transformação crie um significativo impacto positivo para os agricultores, comunidades e ambientes naturais onde esta castanha é produzida e transformada.

No entanto, para que esta mudança ocorra, precisam de ser superados vários desafios, entre eles:

- a baixa qualidade da castanha de caju em bruto (RCN)
- escassez de capital e entendimento limitado dos procedimentos e tecnologias para a transformação da castanha, por parte dos investidores
- fluxos de receita de subprodutos do caju subdesenvolvidos e
- insuficientes incentivos políticos por parte dos governos

Muitas organizações internacionais de desenvolvimento, desde o Banco Mundial às agências de ajuda nacionais holandesa, alemã e americana, identificaram o setor de caju em África – e o desenvolvimento da transformação local em particular – como uma oportunidade de elevado potencial para melhorar os meios de subsistência, rendimentos, emprego, desenvolvimento de capacidades e infraestrutura. Disseminaram-se rapidamente projetos e colaborações no setor do caju, junto de produtores, transformadores e órgãos do governo local focados no agronegócio. Entre as organizações e grupos transnacionais importantes encontram-se: a Iniciativa do Caju Competitivo (GIZ/ComCashew), conhecida antes de 2015 como a Iniciativa Africana do Caju; a Aliança Africana do Caju (ACA); e o Conselho Consultivo Internacional do Caju



(CICC), que inclui dez estados membros e está em crescimento. A TechnoServe e muitos outros parceiros da Caro estão a criar uma procura para a nova capacidade da transformação, apoiada por estes esforços internacionais e pelos esforços dos governos e empreendedores locais.

O papel da Caro no apoio ao próximo passo

A equipa principal da Caro relaciona-se continuamente com fornecedores de castanha e com as suas redes de apoio. A equipa fornece assistência técnica contínua para melhorar o cultivo e a transformação, juntamente com formações nas áreas de conformidade com a segurança alimentar, planeamento de investimentos, projeções comerciais, necessidades das start-up, soluções tecnológicas, gestão e capacitação da mão-de-obra, ineficiências operacionais quotidianas, controlo de qualidade e código de conduta. Atualmente, o programa de assistência técnica apoia cinco transformadores em três países: Nigéria, Costa do Marfim e Burkina Faso. Planeamos cobrir sete países nos próximos três anos.

Apoio da Caro para a Certificação em Segurança Alimentar

A segurança alimentar e o cumprimento de uma série de certificações serão cada vez mais importantes, à medida que África exporta mais castanha e à medida que a cresce a preocupação global com a segurança. Partindo deste pressuposto, a Caro organiza sessões de formação para os nossos parceiros, e outros, sobre controlos de prevenção para alimentação destinada a humanos, um requisito da Administração de Alimentos e Medicamentos dos Estados Unidos (FDA) para todos os alimentos importados para os EUA.

É essencial garantir que os produtos alimentares estejam livres de níveis perigosos de bactérias, vírus, parasitas e substâncias químicas. Estima-se que essa contaminação de alimentos tenha contribuído para mais de 200 doenças e tenha afetado uma em cada dez pessoas em todo o mundo. Embora a contaminação de alimentos seja espontânea e possa ocorrer em qualquer ponto da cadeia de abastecimento alimentar, é mais provável que ocorra durante a produção e distribuição. Consequentemente, os produtores de alimentos acarretam com o ônus da responsabilidade.

A Caro está empenhada em criar uma rigorosa cultura de segurança alimentar entre os seus fornecedores. Conseguimos isto através de procedimentos colaborativos, orientados para as soluções e simplificando princípios e programas complexos de segurança alimentar em formatos acessíveis de formação. A nossa principal prioridade é integrar a segurança alimentar em todos os processos operacionais, em vez de apresentá-los como procedimentos independentes. Isto permite que as tarefas de segurança alimentar sejam concluídas como rotinas operacionais diárias, em vez de tarefas separadas.

Elementos-chave da segurança alimentar na transformação do caju

A Lei de Modernização da Segurança Alimentar (FSMA) exige que as instalações de alimentos e bebidas regulamentadas pela Administração de Alimentos e Medicamentos (FDA) tenham pelo menos um Indivíduo Qualificado para Controle Preventivo (PCQI). Um PCQI da FSMA tem de ter concluído com êxito o programa de formação reconhecido pela FDA e oferecido pela Aliança de Controlos Preventivos em Segurança Alimentar (FSPCA). Alternativamente, o indivíduo deve ter uma larga experiência profissional para se qualificar. Embora a lista dos novos requisitos da FSMA seja abrangente e varie bastante para alguns tipos de instalações, uma mudança importante que se aplica a quase todas as empresas do setor alimentar é a formação inicial universal dos PCQIs. A FSMA não só exige que as instalações tenham um plano de segurança alimentar implementado até à data limite, mas o plano também deve ser preparado e aplicado por um PCQI com formação adequada. Em África, menos de quarenta por cento dos transformadores de alimentos satisfazem esta qualificação para continuar a exportar para os mercados dos EUA. Esse déficit deve-se à escassez de conhecimentos a nível local e ao subdesenvolvimento das estruturas de formação.

Em colaboração com seis transformadores e duas instituições de quatro países (Gana, Nigéria, Costa do Marfim e Burkina Faso), a Caro organizou programas de formação para PCQIs em Abidjan durante o verão de



2019, sendo que foram certificados um total de quinze participantes. Esta formação foi financiada em conjunto pelos próprios participantes e pela Caro, e espera-se que possa ser um modelo para outros cursos educacionais.

Adicionalmente, um novo e emergente transformador – a Ivoirienne de Noix de Cajou (INCajou) S.A - foi recentemente certificado em conformidade com Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (HACCP). Miguel Marcel Zavonon, um especialista em segurança alimentar da Caro, expressou a sua confiança neste novo modelo do INCajou e no seu compromisso com uma cultura rigorosa de segurança alimentar, ao dizer “Eu acho que o sucesso reside em ter um investidor dedicado e empenhado em melhorar as instalações para estarem em conformidade com as normas impostas. O conhecimento só por si não é suficiente. A sra. Salma Seetaroo, com a sua paixão em tornar-se uma transformadora de excelência, realizou o processo de certificação num curto período de menos de cinco meses – uma proeza rara em tão pouco tempo.”

Recomendações para transformadores que procuram a certificação

Se você é um fornecedor de alimentos estrangeiro (fora dos EUA), é provável que o importador dos EUA seja regido pela norma do Programa de Verificação de Fornecedor Estrangeiro (FSVP). Esta norma garante que os alimentos importados atendem ao mesmo nível de padrões de segurança alimentar exigido para alimentos produzidos nos EUA. A regra confere ao importador dos EUA a responsabilidade de verificar se os seus fornecedores estrangeiros estão a fazer o que é necessário para cumprir estes requisitos. Como é esperado que os fornecedores estrangeiros regidos pelo regulamento cumpram as regras dos Controles Preventivos, é aconselhável que recebam formação especializado em controles preventivos da FSMA. Isto ajuda as instalações estrangeiras a alcançar três objetivos principais:

- O desenvolvimento de recursos internos, como um PCQI
- Os conhecimentos para ajudar as empresas estrangeiras a desenvolver um sistema de segurança

alimentar que atenda às solicitações de um importador dos EUA

- Facilidade em passar por uma auditoria da FSMA

Formação de PCQIs: As instalações regidas pelos padrões da FDA precisam de ter um PCQI, embora a simples presença dessa pessoa não seja suficiente para satisfazer os termos da FDA. Este indivíduo é crucial para a preparação e gestão do plano de segurança alimentar, para a validação de controles preventivos e muito mais. É relativamente barato tornar-se um PCQI, por isso recomendo que todos os transformadores façam o curso. São 2,5 dias (20 horas), mas vale a pena, pois aumentará bastante a probabilidade de uma organização atender aos padrões da FDA.

«As instalações domésticas e estrangeiras de alimentos precisam de se registar na seção 415 da Lei de Alimentos, Medicamentos e Cosméticos e devem cumprir os requisitos para controles preventivos baseados em riscos, tal como exigido pela Lei de Modernização da Segurança Alimentar (FSMA) da FDA, bem como pela modernização destas regras pelas Boas Práticas de Fabricação (CGMPs). O principal requisito é ter um plano de segurança alimentar que inclua uma análise de perigos e controles preventivos baseados em riscos para minimizar ou prevenir os perigos identificados. Tal é necessário para todas as instalações que fornecem alimentos aos EUA. Recentemente participei no curso de Controle Preventivo de Alimentos para Humanos e estou feliz por ter participado. Todos os gestores de segurança alimentar que trabalham com clientes nos EUA devem entender estes regulamentos. Encorajo as fábricas de transformação a informarem-se sobre questões emergentes de segurança alimentar como esta.»

Mary Adzanyo, Diretora de Desenvolvimento do Setor Privado, PCQI; GIZ/ComCashew

"Esta manhã, estava a conversar com um potencial cliente saudita e ele perguntou: Existe alguém na sua fábrica qualificado e certificado para justificar que você está autorizado a produzir e distribuir alimentos?"

Eu mostrei-lhe tranquilamente o meu certificado PCQI.

Ele respondeu: podemos trabalhar em conjunto



Temos o dever de nos formarmos e agregar valor à nossa qualidade de serviço."

Daouda Sangaré, Consultora – Diretora, PCQI

A recente formação da FSPCA/PCQI é de grande importância para mim, considerando que reuniu vários industriais experientes. Aprendi muito sobre gestão de riscos, incluindo análise de riscos e medidas preventivas relacionadas. Embora o formador usasse a língua inglesa mais de 60% do tempo, os exercícios em grupo bem desenvolvidos permitiram-me adquirir conhecimentos relevantes. O formador poderia organizar um acompanhamento pós-formação para avaliar o impacto da formação no local de trabalho"

Roamba Issa, Gerente da Fábrica SOTRIAB Banfora, Burkina Faso

Autor: Sr. Shakti Pal, Gestor de Desenvolvimento da Origem

Ponto de Situação no Mercado do Caju (Agosto de 2019)

Por Jim Fitzpatrick

Infelizmente, parece que a época do caju de 2019 foi uma "chamada de atenção" para os agricultores e autoridades reguladoras nos países africanos. Os preços ao produtor, o declínio da qualidade, causado pela falta de infraestruturas, e a chegada tardia bem como diminuição dos compradores e respetivos pedidos de compra, fazem lembrar os maus velhos tempos em que o excedente levava a quedas de preços que iam além das quedas correspondentes no preço da amêndoa, e muito do stock ficava por vender, permanecendo nas plantações e nos armazéns das aldeias.

No entanto, este ano não houve excedente. De fato, oferta e procura parecem estar relativamente equilibradas. Até ao final do ano, é provável que a maior parte da RCN produzida seja necessária. Mas houve uma

grande reação ao desastre de 2018. Os transformadores tornaram-se muito mais cautelosos na sua abordagem. Compraram menores quantidades durante um período mais extenso. O número de comerciantes envolvidos no comércio internacional reduziu e provavelmente reduzirá novamente até ao final de 2019. Isto não deveria ter sido uma surpresa para os reguladores. Talvez não devêssemos criticar, dado os grandes avanços feitos nos últimos anos, mas os preços de referência e os preços mínimos foram estabelecidos para valores demasiado altos, o que tornou a escoação da RCN ainda mais lenta e acabou por contribuir para uma perda de qualidade, o que significa preços mais baixos e perda de rendimentos.

Após um início lento no final de julho, as importações de RCN para a Índia e Vietname recuperaram. As importações vietnamitas sofreram um notável aumento de 28% em relação ao mesmo período do ano passado, ficando nas 940.000 toneladas, o que, juntamente com a produção própria, é suficiente para 9 meses de transformação aos atuais níveis de exportação. Este aumento foi dividido por várias origens. As importações do Camboja aumentaram 67.000 toneladas, mais 64% em relação ao mesmo período do ano passado. As importações da Costa do Marfim aumentaram 31%. O Gana aumentou uns notáveis 74%, embora sem dúvida isto incluía produto adquirido nos países vizinhos. A Nigéria subiu uns mais modestos, mas louváveis, 25%. O aumento dos países da África Ocidental deu-se principalmente em junho e julho e o do Camboja de fevereiro a abril. Até ao final de julho, deixou de haver o perigo de surgirem problemas de abastecimento para os transformadores vietnamitas.

As importações indianas também recuperaram até ao final de junho (segundo as últimas estatísticas), data em que as importações de 350.000 toneladas ficaram apenas 4,6% abaixo do mesmo período do ano passado e foram superiores às importações de janeiro a julho de 2016. Esta é uma margem muito estreita, uma vez que no início de 2019 a Índia praticamente não tinha importações da Tanzânia. Mas a Índia pode ter ainda um volume significativo por importar. Julho é um mês importante para as importações da Guiné-Bissau e de outros países de culturas tardias da África Ocidental.



Obteremos uma melhor ideia da situação quando forem divulgados os números de julho.

De certa forma, poderíamos dizer que foi restaurada a ordem, se é que podemos pensar no mercado de RCN como "ordenado". Quem arcou com os custos disto foram os agricultores, mas não podemos esquecer que eles beneficiaram das condições anárquicas de 2017 e 2018. Provavelmente isto não é muito consolador para eles de momento. As empresas de comercialização, que enfrentaram dificuldades em 2018, já arcaram com os prejuízos e desistiram ou reduziram a sua atividade no comércio de RCN. Os transformadores estão de novo nos trilhos, mas devem ter em atenção os baixos valores da castanha de caju partida (exceto na venda doméstica indiana).

Os mercados da amêndoa tiveram um ano misto. Os preços atuais, que variam de 3,15 USD para um transformador pequeno/médio, para entrega imediata, até 3,35 USD por libra para um transformador certificado, para compras a prazo, são preços atraentes para os torrefatores. As importações dos EUA caíram 7,4% até ao final de junho. As importações do mês de junho caíram 23% em relação a junho de 2018.

O alto custo da cobertura a prazo que ocorreu no ano passado foi bastante prejudicial para os torrefatores dos EUA e os altos preços de 2017 e 2018 produziram um impacto ao nível de novas utilizações da amêndoa de caju. Alguns especuladores lucraram com a "triagem" do mercado no final de 2018, mas há sempre um preço a pagar pela volatilidade. Os compradores europeus parecem ter-se saído melhor. As importações da UE até ao final de maio aumentaram 15%. Embora não nos devêssemos esquecer que em 2018 a Europa também começou em força para mais tarde quase desaparecer, parece que os preços baixos tiveram um impacto na procura europeia. Talvez as estratégias de abastecimento direto, mais prevalentes na Europa, tenham produzido resultados em 2019. Também se deu um forte crescimento nas exportações vietnamitas para a China, com um crescimento de 58% no final de julho. Precisamos de ter cuidado com este número, pois pode simplesmente refletir uma melhor manutenção de registos comerciais até ao final de julho. Também pode

refletir um impacto dos impostos chineses sobre as importações para os frutos secos como amêndoas e pistachio.

A Índia, o principal motor do crescimento da procura de caju, parece estar a ter outro ano positivo em termos de crescimento. De forma geral, o declínio dos EUA é superado pelo crescimento europeu, e com notícias positivas da Índia e China e um pouco mais de otimismo do Médio Oriente, parece que a procura de caju em 2019 será melhor que o ano passado. Se os preços permanecerem estáveis ou próximos dos atuais, as perspectivas para 2020 devem ser boas ou muito boas.

Como será o resto do ano? As boas colheitas verificadas em quase todo o lado significam que os transformadores têm as suas necessidades satisfeitas. Ainda precisam de importar, segundo os números do final de julho, cerca de 980.000 toneladas até à colheita de 2020, se partirmos do pressuposto que as exportações vietnamitas continuarão aos níveis atuais, apesar do fraco mercado dos EUA. Deste modo, mais da metade de RCN poderia vir da Tanzânia (250.000 toneladas da colheita de 2018 e 300.000 toneladas de 2019). Não é surpreendente que os transformadores estejam a assistir com cautela às notícias de uma grande venda da colheita de 2018 da Tanzânia. O resto virá no stock restante ou material em trânsito proveniente da África Ocidental, Indonésia e um pouco dos carregamentos das colheitas de Moçambique do início de 2020. Tal como dissemos no início, o caju não tem excedente.

Existe um novo fator. Uma empresa vietnamita estreante assinou um memorando de entendimento para a compra de 176.000 toneladas de produto antigo da Tanzânia, para adicionar às compras da Costa do Marfim e Guiné-Bissau. Em teoria, isto dar-lhes-ia controlo de cerca de 30% da RCN restante para 2019. Os governos africanos, para resolver problemas a curto prazo, podem ter dado mais controlo ao Vietname e reduzido a competitividade dos seus próprios setores de transformação. Deve ser preocupante para os transformadores africanos que a participação vietnamita no mercado dos EUA seja de 88% em junho de 2019, enquanto todos os países africanos



representem menos de 3% e uma queda de 20% ao ano. As coisas podem ficar apertadas até ao final do ano. Será que os preços da RCN podem começar a subir de novo no fim do ano? É possível, mas parece-nos mais provável que os transformadores reduzam os volumes de transformação, afetando em primeiro lugar os preços da amêndoa. Também parece improvável que as táticas que funcionaram tão bem para os compradores de RCN no primeiro semestre mudem para uma compra mais agressiva. No entanto, as águas permanecem agitadas, mesmo que a tempestade já tenha passado.

Perfil do Pessoal

O meu nome é Ernestina Amponsah e sou uma profissional de qualidade e segurança alimentar. Sou altamente motivada, orientada para resultados e tenho uma abordagem prática para a resolução de problemas e um desejo de acompanhar as coisas até à sua conclusão. Desta forma, estou empenhada e tenho trabalhado arduamente e com total determinação e dedicação para alcançar objetivos organizacionais e pessoais. Qualquer um que aspire a ser como eu deve estar pronto a trabalhar muito, desafiar-se a si próprio e aceitar críticas construtivas para melhorar. A fé também é algo importante para mim, enquanto cristã.



Entrei para a equipa da ComCashew em abril de 2018 como consultora para o desenvolvimento do setor privado na componente de transformação.

Em termos de educação, tenho uma licenciatura em Ciência e Tecnologia Alimentar e mestrado em Saúde Pública. Tenho seis anos de experiência em estabelecimentos de transformação de alimentos, tendo adquirido experiência em gestão de qualidade,

segurança alimentar e saúde e segurança ambiental. Também sou auditora-chefe da ISO 22000: 2005. Antes de integrar a GIZ/ComCashew, trabalhei como líder da equipa de Garantia de Qualidade/Segurança Alimentar na GB Foods, Analista de Qualidade na GN Foods, Assistente de Projeto no Projeto Essencial de Intervenção em Saúde do Gana (GEHIP) na Escola de Saúde Pública, em Legon, e fiz o meu serviço nacional na Autoridade de Alimentos e Medicamentos. Também realizei algumas formações em Lean Six Sigma, Gestão de Qualidade e Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (HACCP).

O meu trabalho atual apoia o fortalecimento institucional da componente de ligações comerciais, bem como o reforço de sinergias e o envolvimento do setor privado nas ligações comerciais. As atividades de transformação criam um caminho rastreável para a componente de produção avaliar a continuidade das suas atividades, bem como a análise da agregação de valor. Além disso, a componente de produção também é capaz de avaliar como a sua componente se relaciona com a transformação através do conceito da cadeia de valor. Uma coisa que é particularmente significativa para mim é ver os transformadores a transformar ativamente grandes quantidades sob boas condições de segurança alimentar.

Trabalhar com a GIZ/ComCashew é muito excitante e desafiador. Gosto particularmente do desenvolvimento estratégico da carreira dos funcionários. Por exemplo, tive a oportunidade de participar em programas de formação e de aprender francês no local de trabalho. Assim poderia viajar para novos lugares e conhecer pessoas novas. Sem esquecer as atividades de team building, como a caça aos ovos de Páscoa, festas ocasionais, reuniões estratégicas, entre outras.

Em termos de projeto, daqui a cinco anos, vejo-me como uma pessoa talentosa no meu campo de trabalho, a orientar outras pessoas mais jovens, de preferência mulheres.

Normalmente, quando não estou a trabalhar, estou a cantar, a desenhar chapéus e fascinadores e ocasionalmente a costurar, apesar de ainda não dominar a técnica, ou a fazer crochê.



Enfim, tem sido maravilhoso trabalhar com a ComCashew e espero contribuir com a minha cota parte para ajudar o projeto a alcançar os seus objetivos. Deus me ajude!

Ao longo da Cadeia de Valor do Caju...

Produção

A componente de produção tem realizado atividades em conjunto com parceiros nas áreas de formação e capacitação de agricultores sobre Boas Práticas Agrícolas (BPAs), facilitação e distribuição aos agricultores de materiais de plantio melhorados (MPMs), e o desenvolvimento de modelos de produção para análise de margens de lucro brutas. Desde o início de 2019, a componente adotou esforços na área da introdução de tecnologias e inovações na produção de caju, com o objetivo de melhorar a produtividade e a eficiência dos produtores de caju .

Para a época de plantio deste ano, o projeto facilitou a aquisição de 7.100 kg de sementes policlonais de caju no Gana, por parceiros do projeto no Benim, Burkina Faso e Serra Leoa. Com estas sementes policlonais, foram estabelecidos mais de 60 viveiros nestes países, destinados à produção e distribuição aos agricultores de cerca de 1.065.000 mudas. Estão a ser estabelecidos 15 bancos de enxertos, no Gana, Benim e Serra Leoa, a fim de tornar o material de plantio de qualidade facilmente



Mudas produzidas este ano a partir de sementes policlonais

Fonte: GIZ/ComCashew

acessível aos operadores de viveiros e agricultores.

O fator essencial para alcançar uma maior produtividade é a incorporação da mecanização no sistema de produção do caju. São identificadas as áreas de maior trabalho árduo para os agricultores como, por exemplo, a monda, a escavação de buracos, a pulverização e a poda. O objetivo essencial é a atração de jovens, em especial, que vejam a produção de caju como uma atividade intensiva em mão-de-obra, para que repensem as suas abordagens ao mesmo tempo que reforçam a produtividade.

Além disso, a conceção e incorporação da Farmer Business School (FBS) na produção de caju, com o principal objetivo de ajudar os agricultores a ver a agricultura ainda mais como um negócio, é uma forma inovadora de expandir os sistemas agrícolas de maneira mais produtiva. Com esta abordagem, os agricultores são capazes de maximizar o potencial dos seus negócios e aumentar os seus rendimentos através da adoção de Boas Práticas Agrícolas (BPAs) e skills de negócio.

Com o surgimento das alterações climáticas e tendo em conta o seu impacto na agricultura, a componente de produção está a trabalhar no desenvolvimento de sistemas agroflorestais sensíveis ao clima e que simultaneamente gerem rendimentos consideráveis através das culturas secundárias. As culturas que estão a ser consideradas, especialmente para a realidade do norte do Gana, são culturas arbóreas de crescimento espontâneo, tais como karité, tamarindo, dawadawa, moringa, acácia e outras culturas alimentares geradoras de rendimento.

No contexto da sustentabilidade ambiental e da resiliência às alterações climáticas, o projeto ComCashew/REACH levou a cabo uma ação de plantação de árvores em 10 escolas de 5 distritos da região Superior Oeste (Upper West) do Gana. Ao todo, foram plantadas cerca de 800 árvores de diferentes espécies, que variam entre árvores de fruto, árvores que forneçam sombra, árvores corta-vento e ainda ornamentais. Os alunos da escola também foram sensibilizados sobre o papel das árvores no meio ambiente e sobre algumas práticas de nutrição para a transição suave das mudas para árvores.



Autores: Prosper Wie, Assessor de Produção e Mohamed Issaka Salifou, Assessor Regional, Produção - GIZ/ComCashew

Processamento

Formação em Gestão de Qualidade em relação ao fornecimento e armazenamento de RCN

Garantir a qualidade é uma das grandes prioridades durante a época do caju. As más práticas, como o fornecimento ineficiente ou o armazenamento inadequado levado a cabo pelos atores (agricultores e processadores), podem afetar o resultado e reduzir a qualidade da amêndoa processada. É neste contexto que a GIZ/ComCashew, organizou, de 22 a 24 de maio de 2019, em Techiman, um programa de formação em gestão da qualidade para o fornecimento e armazenamento de RCN. O principal objetivo desta formação foi expor os participantes a conhecimentos práticos e teóricos em boas práticas de fornecimento e armazenamento de RCN.

Assistiram à formação vinte e dois participantes: treze transformadores e nove agricultores. A formação incorporou teoria, discussões, demonstrações e atividades práticas. Os temas abordados foram a gestão da cadeia de abastecimento, a gestão pós-colheita do caju, as boas práticas de armazenamento, qualidade da RCN e análises KOR (rácio de rendimento da amêndoa).

O ponto alto da formação foi a visita ao armazém da Olam Ghana, onde os participantes foram expostos a princípios e práticas de armazenamento. Esperamos que os participantes utilizem as lições aprendidas para



Participantes a realizar uma análise KOR

Fonte: GIZ/ComCashew

a melhorar a qualidade da sua castanha de caju. Também aproveitamos esta oportunidade para agradecer à gerência da Olam Ghana pela sua longa parceria e forte

compromisso .



Entrega de certificados após a formação

Fonte : GIZ/ComCashew

Visita à fábrica Agro King Limited

The GIZ/ComCashew team visited Agro King on July 11 2019, at Afiénya. Formerly located at Drobo, Agro King is a primary processing company for Winker Limited, a cashew roasting company. The company relocated to Afiénya this year. The relocation shall help Agro King work on both RCN shelling and kernel roasting for the domestic market in Ghana. We wish Agro King and Winker Investments well. Similar visits are planned to other nut and apple processing units in August 2019.

Apresentações durante o Master Training Program para a Promoção da Cadeia de Valor do Caju

A componente contribuiu para a organização das 3^{as} edições do Master Training Program, através da realização de algumas apresentações para reforçar os conhecimentos dos participantes sobre:

- Dinâmicas do mercado de caju
- Técnicas de negociação comercial, e
- Conceito de Cadeia de Valor

O Fórum do Caju Saheliano (FOCAS) é um novo conceito de evento regional no setor do caju na sub-região da África Ocidental. Criado pela Aliança Africana do Caju (ACA), em colaboração com atores envolvidos no setor do caju e parceiros técnicos, o FOCAS oferece uma plataforma de reunião e intercâmbio para os atores dos países do Sahel, para discutirem assuntos de interesse



em comum na produção, processamento e comercialização do caju. Após a sua primeira edição em Bobo-Dioulasso (Burkina Faso) em 2018, a segunda ocorreu de 5 a 7 de agosto de 2019 em Bamako (Mali) com o tema “Melhorar a competitividade da cadeia de valor do caju”. Os nove países participantes foram o Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Mali, Senegal e Serra Leoa. A GIZ/ComCashew esteve envolvida na organização, dando apoio técnico, e como moderador em painéis sobre estado, potencial e tendências de mercado na produção de caju, KOR e enxertia de topo.

Autores: Mary Adzanyo, Diretora, Desenvolvimento do Setor Privado, Youssoufou Sore, Assessora Técnica, Transformação, Ernestina Amponsah, Assessora, Desenvolvimento do Setor Privado e Adjei Gyamfi Gyimah, Acessor, Acesso ao financiamento

Ligações Sustentáveis na Cadeia de Abastecimento

6ª Fase de Candidaturas para Cofinanciamento

Está em curso a implementação de projetos de 13 parceiros, em 5 países do ComCashew, nomeadamente Gana, Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim e Moçambique. Os parceiros estão a alcançar progressos significativos no cumprimento dos seus objetivos. Gostaríamos de incentivar os nossos parceiros a continuar o seu bom trabalho.

A equipa técnica da GIZ/ComCashew fará visitas aos parceiros do fundo de cofinanciamento para monitorizar e documentar as atividades dos projetos no segundo trimestre, com vista a manter os registos das implementações dos principais indicadores de desempenho (KPIs) dos parceiros e fornecer atempadamente o apoio necessário.

A equipa técnica está também disponível para quaisquer questões que possa ter. Por favor, não hesite em contactar-nos individualmente ou em cashewfund@giz.de

7ª Fase de Candidaturas para Cofinanciamento

Chamada para submissão de propostas

Foi feita em junho de 2019 a 7ª chamada à

apresentação de propostas-síntese para cofinanciamento, por parte de atores públicos e privados com interesse em promover e desenvolver o setor do caju. Esta chamada foi financiada por duas organizações apresentadas de seguida e espera os seguintes resultados:

Financiamento do Ministério Federal Alemão para o Desenvolvimento Económico e Cooperação (BMZ) e da Secretaria de Estado para os Assuntos Económicos da Suíça (SECO), para todos os países.

1. Multiplicação de material de plantio melhorado e respetiva distribuição por pequenos agricultores e plantação.
 2. Melhorias na transferência de conhecimentos aos agricultores do caju
 3. Laços e vínculos fortes entre transformadores/compradores e agricultores (vínculos efetivos de negócios com agricultores)
 4. Melhor acesso ao mercado (acesso a informações sobre preços e produção, etc.). Melhoria da cadeia de valor/abastecimento do caju.
 5. Diversificação
 6. Agricultura inteligente em termos ambientais
- Adicionalmente, a SECO financia os seguintes projetos, especificamente para o Gana:
7. Promoção de vínculos comerciais entre os atores do caju ao longo da cadeia de valor,
 8. Modelos de negócio para o estabelecimento de ligações na cadeia de abastecimento,
 9. Melhoria da transformação do caju (castanha, pedúnculo, casca e outros subprodutos abrangidos)

Foram abertas as candidaturas para os 6 países do projeto. Os parceiros foram muito recetivos, o que resultou em 23 propostas-síntese recebidas, provenientes dos seis países já mencionados, com a seguinte distribuição:



País	Número de propostas recebidas
Benim	3
Burkina Faso	5
Costa do Marfim	5
Gana	7
Serra Leoa	3
Moçambique	1
International	1

As propostas-síntese ainda estão sob avaliação e as decisões finais, feitas pelo Conselho de Cofinanciamento, serão comunicadas aos candidatos em breve. Após a decisão do Conselho, os projetos prioritários que forem recomendados deverão desenvolver as suas propostas-síntese em propostas completas. A adjudicação dos projetos aprovados será feita posteriormente. A implementação dos projetos deverá começar até ao final de outubro de 2019. Os candidatos dos projetos de prioridade secundária ou projetos adiados serão contactados pela equipa da ComCashew acerca dos passos seguintes.

Acesso ao Financiamento

• Passos para Acesso ao Financiamento

Após o fórum de acesso ao financiamento, realizado em março de 2019, foram encetadas negociações preliminares para financiamento de empresas de transformação selecionadas. Foi compilada uma lista de 10 fundos agrícolas regionais adequados, que está disponível para referência interna e externa.

• Formação do CARI em Financiamento da Cadeia de Valor Agrícola, destinada a Prestadores de Serviços Financeiros

Inspirada no fórum de Acesso ao Financiamento, organizado pela ComCashew, em março, no Gana, a Iniciativa Competitiva para o Arroz Africano, em colaboração com a ComCashew, organizou em julho de 2019 uma formação sobre financiamento da cadeia de valor agrícola, destinada a prestadores de serviços financeiros. A principal lição a retirar é que estes workshops sobre projetos e instituições financeiras

ligadas à cadeia de valor devem ser continuados. Tal ajudaria os decisores a apoiar as cadeias de valor agrícola de forma mais prática e significativa.

• Missão à Costa do Marfim

Uma missão de um mês à Costa do Marfim forneceu novas perspetivas, através da visita a um transformador mecanizado, uma reunião com uma instituição parceira para a identificação de sinergias, uma reunião para promover a produção do caju energeticamente eficiente através de um projeto da GIZ focado na energia e ainda períodos de trabalho na Organização Setorial, M&A e F&A.

Holisticamente, a missão permitiu importantes aprendizagens, como as seguintes: conhecimentos do funcionamento normativo do setor do caju na Costa do Marfim, bem como do funcionamento operacional dos atores da cadeia de valor. Obtiveram-se também conhecimentos de auditoria através do período de trabalho em F&A; enquanto os períodos de M&A e Organização Setorial aumentaram os conhecimentos sobre os inquéritos de rendimento e operações da Organização Setorial, respetivamente. A missão foi muito produtiva, educativa e com um valor agregado substancial.

Acolhimento na Red River Foods: Barbara Adu Nyarko partilha a sua experiência

A Red River Foods é uma importante importadora americana de uma grande variedade de frutos secos, frutos de casca rija, sementes e produtos para snacks. A empresa abastece as indústrias alimentares da panificação, confeitaria, cereais, laticínios e snacks com ingredientes de mais alta qualidade. No Gana, a Red River Foods trabalha em estreita colaboração com os agricultores das regiões de Bono, Bono Este e Ahafo (antiga região de Brong Ahafo), oferecendo formação sobre manipulação pós-colheita, poda e desbaste e manutenção de registos; organizando os agricultores em associações de agricultores e proporcionando-lhes um mercado estável ao comprar a sua castanha de caju. Adicionalmente, a Red River Foods também oferece atualizações especializadas de informações de mercado aos agricultores e aos seus consumidores, de forma a criar cadeias de abastecimento fortes e sustentáveis a



nível global.

A GIZ/ComCashew emprega jovens especialistas com o objetivo de os preparar para a indústria do caju. Como parte das suas estratégias, todos os anos a ComCashew treina pelo menos dez (10) jovens estagiários e funcionários dinâmicos. Em julho de 2019, Barbara Adu Nyarko, Consultora de Ligações Comerciais da GIZ/ComCashew, participou num programa de aprendizagem e colaboração com a Red River Foods em Sunyani. O objetivo deste trabalho integrado era que Barbara apoiasse o programa de vinculação aos agricultores da Red River e conhecesse o trabalho da empresa. A Barbara partilha as experiências na Red River Foods em seguida:

Poda e Desbaste

Em 2015, a Red River Foods, juntamente com os voluntários do Peace Corps dos Estados Unidos, realizou formações sobre poda e desbaste em seis comunidades de caju no Gana. Na fase inicial, a Red River conduziu esta formação ao mesmo tempo que comprava o caju através de agentes. No entanto, em 2017, a empresa estendeu a formação a mais comunidades e começou a abastecer-se de castanha de caju em bruto (RCN) diretamente junto dos agricultores em 20 comunidades de caju na região de Brong Ahafo.

Atualmente, a Red River Foods trabalha com mais de 1.000 agricultores, alguns dos quais tiveram as suas plantações podadas e desbastadas através do Programa de Poda e Desbaste. A poda e o desbaste começam durante a estação das chuvas; do início de julho a setembro. Durante este período, são conduzidas formações aos agricultores sobre a importância do desbaste e da poda, secagem de RCN, apicultura e ainda criação de registos; ao mesmo tempo que



Operadores de motosserra a realizar o desbaste na região de Bono

Fonte : Red River Foods

são formados operadores de motosserras sobre o uso adequado de equipamentos de proteção individual, técnicas e manutenção de motosserras, técnicas de poda e corte apropriadas e análise de risco.

Além desta formação, a Red River Foods fornece às comunidades de caju motosserras e roupas de proteção para os operadores. Para garantir a sustentabilidade do programa, os custos operacionais da poda são pagos pelos agricultores, enquanto a Red River fica responsável pela manutenção das máquinas.

Bónus e Prémios para os Agricultores

Em 2018, a Red River Foods introduziu um esquema de bónus, para promover ligações sustentáveis com os agricultores. Estes bónus são dados durante a época de produção, servindo como financiamento para insumos para os agricultores. A Red River Foods compra o caju aos agricultores ao preço ao produtor e também paga um bónus dependendo do volume comprado. Os agricultores também são incentivados a formar associações, sendo dado um bónus adicional a cada associação. Estas associações utilizam o dinheiro para empréstimos bonificados aos membros e para o desenvolvimento da comunidade.

Durante duas semanas, em julho de 2019, a Red River Foods visitou 20 comunidades para distribuir os bónus aos agricultores. Este usaram as suas cadernetas com os registos das vendas para confirmar os bónus esperados.



Agricultor recebe prémio, entregue pelo Diretor de Operações para a África, Wayne Tilton

Fonte : Red River



Foi organizado um festival de encerramento da época de produção, que incluiu uma cerimónia de entrega de prémios, durante a qual o Diretor de Operações para a África, Wayne David Tilton, agradeceu aos agricultores serem fornecedores da Red River Foods.

Foram concedidos prémios aos três agricultores que forneceram à Red River Foods a maior quantidade de RCN .

18ª edição do Fórum AGOA, realizado em Abidjan

A Lei de Crescimento e Oportunidades para África (AGOA) é uma legislação aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos, em maio de 2000. O objetivo desta legislação era melhorar as relações económicas entre os Estados Unidos e os países africanos. Após o período inicial de validade de 15 anos, a legislação AGOA foi, a 29 de junho de 2015, prorrogada por mais 10 anos, até 2025. A AGOA é um componente essencial da estratégia EUA-África, que incide no aumento do comércio e investimento com o continente como um mecanismo para aumentar a prosperidade africana. Desde a sua criação, a AGOA expandiu o acesso ao mercado americano a produtos têxteis e de vestuário de 41 países elegíveis. Até 2010, o governo dos Estados Unidos prestou assistência técnica aos países elegíveis através de um entreposto comercial .

Autores: Mary Adzanyo, Diretora, Desenvolvimento do Setor Privado, Barbara Adu Nyarko, Consultora de Ligações da Cadeia de Abastecimento e Adjei Gyamfi



Um painel sobre Agronegócios no Fórum AGOA

Source : GIZ/ComCashew

Gyimah Advisor, Acesso ao Financiamento

Organização do Setor

1.



Exibição de caju e produtos de caju – chocolate com caju, gelado de caju e manteiga de caju, no restaurante Kajazoma em Abidjan -

Fonte : Ivoirienne de Noix de Caju

Apoio a eventos regionais de caju: FOCAS 2 em Bamako, no Mali

O Fórum do Caju Saheliano (FOCAS) é uma iniciativa da Aliança Africana do Caju (ACA) em colaboração com os atores relevantes no setor (incluindo vários parceiros técnicos e financeiros e ministérios responsáveis pelo comércio, agricultura e finanças) com vista a tratar questões de interesse comum para o desenvolvimento do setor do caju nos países do Sahel. Assim, a ACA, em estreita colaboração com a indústria de castanha de caju no Mali, organizou a 2ª edição do FOCAS. Este fórum, realizado de 5 a 7 de agosto, no Hotel Azalai Ex Salam em Bamako, no Mali, contou com o apoio financeiro e técnico da GIZ/ComCashew, que teve um importante papel na sua preparação e realização.

Sob o tema: "Melhorar a competitividade da cadeia de valor do caju nos países do Sahel", a 2ª edição do FOCAS reuniu cerca de 250 atores dos setores públicos e privados de 9 países, nomeadamente do Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Mali, Senegal e Serra Leoa. Estiveram igualmente presentes vários parceiros de desenvolvimento da sub-



região, entre os quais a Cooperação Espanhola e a União Europeia, que apoiam o Projeto para a Promoção do Setor do Caju no Mali (PAFAM), o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que apoia o projeto Technoserve (TNS) Benincaju, no Benim, e ainda o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) da Costa do Marfim.

Durante o fórum, foram realizadas várias sessões com especialistas da cadeia de valor do caju, principalmente da região do Sahel, que fizeram apresentações e participaram em painéis de discussão sobre os seguintes temas-chave:

- A evolução da produção de caju na região do Sahel: situação atual, perspetivas e tendências de mercado
- Aproveitar as oportunidades económicas da transformação local de castanha de caju: como tornar a transformação no Sahel mais competitiva?
- O setor do caju - um setor político? Como organizar o diálogo público-privado e criar um quadro comum para a boa governança?

Além disso, os participantes tiveram a oportunidade de realizar reuniões com outras empresas, visitar cerca de 10 stands de produtos e serviços relacionados com o caju e participar nas várias redes de contatos durante dois dias. No terceiro dia foi feita uma visita de campo a uma plantação comercial de 1800 hectares, em Dialokoroba, nos arredores de Bamako. O proprietário

da plantação, o Sr. Tidiane Traoré, é um ex-emigrante que viveu nos EUA e em França e decidiu voltar ao seu país de origem e investir no caju.

Tendo em vista o potencial para o desenvolvimento do caju, especialmente na produção, os atores relevantes no Mali, através da sua organização interprofissional (I PROFAM), manifestaram interesse em participar em futuras edições Master Training Programme da GIZ/ComCashew.

O Ministro da Agricultura, anfitrião do fórum, mostrou particular interesse no setor e foi informado da plataforma do CICC e da próxima reunião ministerial que será realizada em Ouagadougou, em outubro.

O próximo FOCAS irá ter lugar na Guiné-Bissau em 2020, em data ainda a determinar, após consultar as autoridades e atores do setor na Guiné-Bissau.

Durante o FOCAS, realizou-se uma reunião paralela entre a ACA e as organizações interprofissionais do setor do caju do Benim, Burkina Faso e Mali, com representantes do Senegal e da Guiné, que salientaram a necessidade de apoiar as organizações interprofissionais nas suas discussões com os governos para que obtenham a sua parte dos impostos de exportação da RCN. Cada país enviará em breve à ACA uma lista de ações-chave a serem realizadas.

2. Novidades por país

Benim

A agência pública nacional para a promoção da cadeia de valor do caju no Benim (ATDA4) organizou a 15 de março de 2019, uma reunião para o estabelecimento de uma estrutura de consulta aos Parceiros Técnicos e Financeiros (PTFs) do setor do caju no Benim. Os participantes da reunião decidiram criar um grupo mais amplo, que reúna todos os atores relevantes, dos setores público e privado, envolvidos na promoção ou desenvolvimento do setor do caju no Benim. Poderá ser considerado, sob esta plataforma, a criação de um subgrupo de concertação de políticas. A DG ATDA 4 preside ao grupo e as reuniões irão realizar-se a cada seis meses, com reuniões extraordinárias se necessário.

Uma rápida avaliação das principais atividades do ano de 2019, realizadas pelos diferentes parceiros, apontou



FOCAS opening ceremony

Source: GIZ/ComCashew



um risco de sobreposição de atividades, especialmente na área da promoção de viveiros e distribuição de mudas. A ATDA4 solicitou a inventariação de todas as atividades promovidas pelos PTFs para consolidação e monitorização do calendário.

A ATDA4 informou os participantes da reunião que o governo decidiu apoiar com 2 milhões de mudas certificadas, utilizando material melhorado de hortas locais e sementes policlonais importadas do Gana. Foram selecionados 40 viveiros que serão apoiados para fornecer 50.000 mudas cada, que serão compradas pelo governo por 600 fCFA e distribuídas a um preço subsidiado de 100 FCFA por muda. Outros operadores de viveiros também podem vender as suas mudas se forem certificadas pelo serviço de acreditação “Direção da Produção Vegetal”, sob o Ministério responsável pela Agricultura. Esta política dificultará os esforços da FENAPAB de promoção de um conjunto de operadores privados de viveiros, para suprir a procura por parte dos seus membros e atrair novos membros da associação de agricultores.

A próxima reunião de concertação de desenvolvimento de políticas sob a coordenação da ATDA4 será realizada no dia 20 de agosto em Parakou, no Benim.

Burkina Faso

Seguindo o exemplo do setor de caju da Costa do Marfim, foi criado em março de 2019 o Conselho de Caju de Burquinabês (CBA). Sendo uma instituição estatal de carácter económico (Epec), o CBA visa promover o setor da castanha de caju através da implementação de ações de regulação, organização, coordenação e desenvolvimento de atividades do setor em todo o território nacional. O CBA encontra-se sob supervisão técnica do Ministério do Comércio e sob supervisão financeira do Ministério das Finanças.

Embora sua principal missão seja organizar e promover um setor competitivo de castanha de caju no Burkina Faso, a criação do CBA pode levar à perda de certas prerrogativas detidas pela jovem organização interprofissional do caju do país.

Desta forma, é essencial manter um diálogo franco e sincero, para ter em consideração os interesses dos

atores diretos e consolidar os progressos alcançados pelo setor privado nos últimos anos.

A representação substancial dos atores relevantes nos órgãos da CBA e uma justa distribuição de recursos provenientes de taxas de exportação de castanhas, em benefício do Comité Interprofissional do Caju do Burkina (CIAB), são condições essenciais para uma boa governação no setor do caju do Burkina Faso. Para este fim, estão em curso conversações entre os ministérios responsáveis pelo setor e o CIAB.

Moçambique

O projeto de desenvolvimento do setor privado GIZ/ProEcon tomou medidas para iniciar a sua primeira fase, no âmbito do projeto de cofinanciamento da UE para a promoção do caju em Moçambique. Assim, encontra-se a decorrer a atualização do mapeamento da cadeia de valor para o setor do caju, com o objetivo de determinar as áreas de implementação da ação.

A GIZ/ComCashew está ainda a trabalhar em Moçambique com duas grandes intervenções em 2019:

- A reabilitação de plantações e árvores, em estreita coordenação com a EMALINK, que continuará até dezembro de 2019. Esta atividade está em decurso a nível internacional, para avaliar economicamente a reabilitação do caju. Foi iniciada uma colaboração com a Stihl, na Alemanha, para explorar o desenvolvimento e fornecimento de tecnologias e equipamentos apropriados aos pequenos agricultores nesta área.

- O apoio prestado ao INCAJU no processamento do pedúnculo de caju até 2020, sob o fundo regional de cofinanciamento. A principal ideia é expandir a experiência do esquema de cooperação trilateral entre o Gana, o Brasil e a Alemanha. O objetivo desta iniciativa é desenvolver modelos de negócio para a utilização do pedúnculo do caju.

Gana

No Gana, a GIZ/ComCashew apoia o processo de criação de uma Autoridade para o Desenvolvimento de Culturas Arbóreas. Este apoio é um esforço conjunto, que inclui outros parceiros de desenvolvimento como a Cooperação Suíça, a Solidaridad e o Banco Mundial.



A Autoridade para o Desenvolvimento de Culturas Arbóreas do Gana (GTCDA) será o organismo oficial que irá regular o subsetor de culturas de arbóreas do país. Além do setor do caju, esta nova autoridade regulará outras 4 culturas arbóreas: a borracha, o óleo de palma, coco e karité. O GTCDA também apoiará a realização de investigação científica e tecnológica para melhorar os respetivos setores de cultivo arbóreos. O processo de criação da Autoridade é liderado pelo Ministério da Alimentação e Agricultura e pelo Ministério da Administração Local e Desenvolvimento Rural. Foram realizados fóruns para o envolvimento dos atores relevantes para todos os subsetores, e a ComCashew tem apoiado ativamente as deliberações para o setor do caju.

Nesta fase, foi validado um projeto de lei para operacionalizar a implementação da Lei da Autoridade para o Desenvolvimento de Culturas Arbóreas do Gana. O projeto foi aprovado pelo Gabinete e espera-se que entre em vigor até ao final do ano.

A autoridade é liderada pelo Ministério da Alimentação e Agricultura e Ministérios do Governo Local e Desenvolvimento Rural. Foram realizados fóruns de participação das partes interessadas para todos os subsetores e o ComCashew tem apoiado ativamente as deliberações para o setor do caju.

Nesta fase, foi validado um projeto de regulamento para operacionalizar a implementação da Lei para a Autoridade de Cultivos Arbóreos no Gana. O projeto foi aprovado pelo Gabinete e espera-se que seja promulgado até ao final do ano.

Serra Leoa

Na Serra Leoa, a GIZ/ComCashew, em conjunto com o programa Promover a Agricultura e Segurança Alimentar (BAFS), financiado pela União Europeia, apoiou a formulação de um documento para uma política nacional do caju. Este documento, que inclui uma análise do setor e um conjunto de recomendações de políticas, já foi validado pelo Comité de Atores Relevantes do Setor do Caju na Serra Leoa em junho de 2018. Um ano depois, o processo está um passo à frente, com a elaboração de um plano de implementação das políticas. Este plano foi

desenvolvido por um consultor com o apoio da GIZ/ComCashew para o Ministério da Agricultura e define marcos para o desenvolvimento da cadeia de valor do caju até 2024.

A 28 de junho de 2019, este plano de

implementação de políticas e o

documento de políticas, foram oficialmente entregues ao Ministério da Agricultura. A GIZ/ComCashew fez parte da sessão de entrega, que incluiu também outros subsetores de culturas arbóreas, como o cacau e o café.

Autores: Bernard Agbo, Diretor, Organização do Setor e Maria Schmidt, Assessora, Organização do Setor - GIZ/ComCashew

Desenvolvimento de Competências

Através do Master Training Programme (MTP), foram formados 276 atores da cadeia de valor do caju, provenientes de 14 países

A capacitação dos atores da Cadeia de Valor do Caju (CVC) continua a ser uma prioridade das atividades, através do Master Training Programme (MTP). Organizado pela GIZ/ComCashew e os seus parceiros, no corrente ano de 2019 foram organizadas com sucesso três edições, com um total de 276 participantes, incluindo 114 mulheres, o que representa uma taxa de participação feminina de 41%.

Os participantes provêm do Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Moçambique, Serra Leoa, Mali, Nigéria, Guiné Conacri, Madagáscar, Senegal, Quênia, Alemanha e Vietname. São selecionados de diferentes áreas ao longo da cadeia de valor do caju, nomeadamente: produtores, transformadores,



O Ministro felicita o consultor de políticas

Fonte : GIZ/ComCashew



comerciantes, marketing, administração pública e ministérios, projetos e programas de desenvolvimento e extensão, universidades e investigação, finanças, agentes de ONGs e consultores estratégicos.



Participantes da 7ª edição após a visita à fábrica da USIBRAS

Fonte : GIZ/ComCashew

As primeiras sessões das 7ª, 8ª e 9ª edições foram realizadas com sucesso em março, abril e maio, respetivamente, em Aburi, no Gana. A formação oferecida centrou-se no conceito da cadeia de valor do caju, nas dinâmicas do mercado de caju e no desenvolvimento de materiais de formação. Para conjugar a teoria com a prática, os participantes realizaram uma visita de estudo à empresa de processamento USIBRAS, localizada em Prampram. A exposição a uma transformação de grande escala foi benéfica para os participantes, permitindo que, entre outras coisas, entendessem o papel do setor privado no desenvolvimento da indústria do caju.



Sessão de enxertia em Wenchi, 7ª edição

Fonte : GIZ/ComCashew

As segundas sessões foram realizadas sucessivamente em junho, julho e agosto em Sunyani, na região de Bono do Gana. Estas foram focadas na produção, incluindo o desenvolvimento de material de plantio melhorado, formação sobre Boas Práticas Agrícolas e uma visita à Estação Agrícola de Wenchi, que permitiu aos participantes entender a importância da investigação e desenvolvimento no setor do caju.

Autoras: Cynthia Al-Da Benon, Chefe da Unidade de Desenvolvimento de Competências e Alima Viviane M'Boutiki, Técnica de Formação e Género, GIZ/ComCashew

Género

Promover o papel do género em desvantagem e desafiar o desequilíbrio na distribuição de recursos

Como parte das atividades de implementação do setor de Género, a GIZ/ComCashew identificou mulheres com percursos notáveis na Cadeia de Valor do Caju e publicou as suas histórias na 4ª edição do livro Mulheres Empreendedoras. Estas publicações destacam o empenho das mulheres no seu trabalho e promovem a valorização para melhorar a competitividade da Cadeia de Valor do Caju (CVC).

A GIZ/ComCashew encetou igualmente outras formas de incorporação da perspetiva de género. Na área da capacitação, foi ministrado um módulo de formação sobre o género nas segundas sessões das 7ª, 8ª e 9ª Edições do Master Training Programme. O objetivo deste módulo é, em primeiro lugar, aumentar a consciencialização sobre os benefícios da integração da perspetiva de género, para que os próprios formandos tenham um comportamento sensível ao género e o possam refletir nas suas diferentes atividades. Tal irá permitir, por sua vez, que formem outras pessoas quando regressarem aos seus respetivos contextos, maximizando assim a disseminação de comportamentos e práticas que integrem o género na CVC. Em teoria, estes futuros especialistas irão propor métodos inovadores e pragmáticos para resolver questões de género no CVC. Também lhes são apresentados, pela ComCashew, exemplos de atividades concretas de implementação no terreno da perspetiva de género, tais como:



- Reuniões de mulheres empreendedoras inseridas nos eventos internacionais do caju
- Criação do grupo de WhatsApp “Cashew” (com a Cashewinfo)
- Colaboração com parceiros do projeto para facilitar o acesso dos jovens a terras



Gloria Mariama Gariba é proprietária de uma plantação de caju de 10 acres (4 hectares). Os participantes ficaram admirados com a visita à sua plantação. O respeito pelas Boas Práticas Agrícolas, o rendimento da plantação e o seu trabalho árduo são fatores que demonstram os benefícios da incorporação da perspectiva de género no desenvolvimento do setor do caju.

Autoras: Cynthia Al-Da Benon, Chefe da Unidade de Desenvolvimento de Competências e Alima Viviane M'Boutiki, Técnica de Formação e Género, GIZ/ComCashew

Reuniões e Eventos

Food Agro Africa 2019

<https://www.expogr.com/kenyafood/>
01 - 03 de agosto de 2019
Nairobi, Quênia

Fórum do Caju Saheliano (Forum du Cajou Sahélien-FOCAS)

05 – 07 de agosto de 2019
Bamako, Mali

Conferência Internacional de Frutos Secos na China, 2019

05 - 07 de agosto de 2019,
Zhengzhou, Província de Henan, China

FACIM – Feira Agro-Pecuária, Comercial e Industrial de Moçambique

26 de agosto – 1 de setembro 2019
Maputo, Moçambique

Foodex Índia

www.indiafoodex.com
30 de agosto - 01 setembro de 2019
Bangalore, Índia

Feira de Especialidades Culinárias

<https://www.specialityandfinefoodfairs.co.uk>
1-3 de setembro de 2019
Londres, Reino Unido

Fórum de Acesso ao Financiamento para Transformadores de Caju (A2F)

24 de setembro de 2019
Cotonou, Benim

Anuga 2019

<https://www.anuga.com>
5 – 9 de outubro de 2019
Colônia, Alemanha

Snackex 2019



Barcelona, Espanha

Summer Fancy Food Show
Nova Iorque, Estados Unidos

13ª Conferência da Aliança Africana do Caju
7 a 9 de novembro de 2019
Dar es Salaam, Tanzânia

SARA 2019: 5ª Edição
Exposição Internacional da Agricultura e Recursos Pecuários
22 de novembro a 1 de dezembro de 2019

Fórum Internacional do Amendoim 2020
22 – 24 de abril de 2020
Hotel Corinthia, Budapeste, Hungria

Eventos da GIZ/ComCashew:

Session 3 of Master Training Programme in Abidjan-2019		
Edition 7	Edition 8	Edition 9
23 – 27 September	28 October - 1 November	18 – 22 November

Aviso

As visões e opiniões expressas neste boletim são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente as visões e opiniões da GIZ/ComCashew. Como tal, a GIZ/ComCashew não é responsável pelas declarações feitas nesta publicação .

Delicioso & Nutritivo

Sour Cream (Creme Azedo) Vegano de Caju

Inovação e tecnologia do campo para o seu prato ... e para as suas taças de sobremesa! Delicie-se com esta sobremesa surpreendente .



Ingredientes

- 1 copo de castanha de caju
- 1/3 copo de água
- ½ colher de sobremesa de sal
- 2 colheres de sobremesa de vinagre de cidra
- 2 colheres de sopa de sumo de limão acabado de espremer

Preparação

- Demolhe o caju em água quente durante cerca de 15 minutos
- Escorra e enxague com água fria
- Coloque o caju previamente demolido num liquidificador e junte o sumo de limão, o vinagre, ½ colher de sobremesa de sal e a água.
- Bata no liquidificador, em velocidade máxima, por 1-2 minutos, até obter uma textura suave.
- Prove e adicione sal, se necessário .

Dica : Mantenha no frigorífico, num recipiente fechado, por 4-5 dias ou congele. Fonte: kitchentreaty.com

Chefe de redação:

Alima Viviane M'Boutiki, alima.mboutiki@giz.de

Técnica de Formação e Género



www.comcashew.org; www.a4sd.net

Se estiver interessado em contribuir ou quiser enviar os seus comentários, por favor envie um e-mail para sylvia.pobee@giz.de